



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Letícia Neves

**Intervenção baseada em arte com mulheres que sofreram violência por parceiros
íntimos**

Brasília

2025

Letícia Neves

**Intervenção baseada em arte com mulheres que sofreram violência por parceiros
íntimos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Giardini Murta.

Brasília

2025

**Intervenção baseada em arte com mulheres que sofreram violência por parceiros
íntimos**

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Sheila Giardini Murta
Universidade de Brasília (UnB)
Presidente da Banca

Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Membro Titular

Profa. Dra. Sabrina Mazo D’Affonseca
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Membro Titular

Profa. Dra. Isabela Machado Silva
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Suplente

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus e a todas as energias que me protegem neste mundo material, concedendo-me uma vida permeada por amor, cuidado, carinho, resiliência e perseverança. Sou profundamente grata pelo caminho iluminado que me permitiu, de forma lúcida, realizar as minhas melhores escolhas.

À minha orientadora Professora Dra. Sheila Giardini Murta, expresso minha mais sincera gratidão. Sinto-me privilegiada por ter sido orientada por uma profissional extremamente competente, inteligente, sensível e dedicada. A Professora Sheila não apenas conduz seus orientandos com firmeza e sabedoria, mas também com humanidade e delicadeza. Durante todo o meu percurso, além de orientar academicamente, acolheu-me em momentos de incerteza e dificuldades, sendo um verdadeiro apoio em minha trajetória. Sua orientação foi decisiva para que eu conseguisse concluir este trabalho. Serei eternamente grata.

À minha mãe, Maria das Graças, carinhosamente chamada de Gracinha, agradeço por todos os ensinamentos sobre respeito e dedicação. Apesar das adversidades enfrentadas ao longo da vida, a senhora me ensinou, com seu exemplo, que a educação é um instrumento transformador. Seu esforço incansável para me proporcionar dignidade e oportunidades de estudo foi essencial para que eu chegassem até aqui. Sou honrada por ser sua filha.

Ao meu esposo, Hans, meu companheiro e amigo, agradeço pelo incentivo constante, pelo bom humor contagiante e pela leveza com que enfrentamos juntos os desafios da vida. Nestes 12 anos de caminhada conjunta, você esteve ao meu lado em cada conquista, inclusive nesta mudança de cidade e de projeto de vida. Sua generosidade e amor são inspiração diária. Estendo esse agradecimento ao nosso filho Vicente, ainda em gestação, que já me acompanha nesta jornada acadêmica, demonstrando paciência e acreditando que um hora a mamãe vai terminar para dar toda atenção e carinho que ele precisa.

Agradeço aos amigos Wanne Belmino e Marcelo Gomes pelo incentivo inicial e apoio contínuo. Foram suas palavras e exemplos que me estimularam a abraçar esta pesquisa com coragem e perseverança. Suas contribuições, distintas e complementares, foram fundamentais no início desta jornada. Wanne, com seu jeitinho sonhador, sempre me colocou para acreditar. Já o Marcelo trouxe a docura de um espírito prático e intelectual que me ajudou a avançar e lapidar minhas propostas.

Ao Grupo de Estudos em Prevenção e Promoção da Saúde no Ciclo da Vida (GEPPSVida), agradeço pelas ricas trocas ao longo desses dois anos. Em especial, à colega Izabelle Lopes, pela escuta atenta, pelas conversas e pelo companheirismo constante.

Agradeço, com profundo respeito, às pessoas que aceitaram participar desta pesquisa, pela generosidade em compartilhar suas histórias e experiências.

Aos membros da minha banca, Prof. Dr. Alex Pessoa, Profa. Dra. Sabrina D'Affonseca e Profa. Dra. Isabela Machado, é uma grande honra contar com a presença de vocês e receber seus valiosos feedbacks.

Aos colegas e profissionais do Sesc, agradeço pelas reflexões, debates e aprendizados compartilhados. Registro um agradecimento especial à Ana Carolina Xavier, pelo apoio técnico, pela dedicação na organização das tabelas e pela ajuda com o inglês, mesmo enfrentando desafios pessoais. Sua solidariedade foi essencial. À Victoria Santos, agradeço pelo incentivo constante e pela leveza com que contribuiu com o trabalho.

À minha terapeuta Márcia, minha gratidão pela escuta qualificada e pelo cuidado, que foram fundamentais para manter meu equilíbrio emocional ao longo desta jornada.

Às amizades construídas na Universidade de Brasília (UnB), em especial Melissa Souza, Franciele Costa, Ana Gabriela Duarte, agradeço pelo apoio, pelas conversas afetuosas e pelos momentos de descontração. Agradeço também à rede de acolhimento formada na vizinhança de Brasília – Ana Paula Pacheco, Catarina Franco, Raíssa Delamora, Bruno Sousa,

Wysllan (o Lan), João Paulo Victório e Emmanuel Santos – por todo o carinho e amizade que tornaram minha estadia mais leve e afetuosa.

Aos meus sogros Martin e Annette, que sempre se demonstraram curiosos e mesmo distante vibraram com mais uma de minhas conquistas.

Ao Antônio Marcolino, da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, agradeço a atenção e ajuda administrativa ao longo de todo o curso, desde o período em que fui aluna especial.

Por fim, agradeço à UnB pela oportunidade de formação acadêmica e pelas experiências vividas, que deixaram marcas significativas na minha trajetória profissional e pessoal. Foram dois anos intensos, repletos de aprendizado, produção de conhecimento e trocas valiosas. Sinto-me honrado pelo apoio financeiro oferecido, que contribuiu direta e indiretamente para a realização desta pesquisa.

Muito obrigada!

“O que protege uma mulher é sua capacidade de mudança”.

(Anahy D'amico, 2020)

Resumo

A compreensão da violência perpetrada por parceiro íntimo contra mulheres é ampla e vem sendo altamente discutida por autoridades mundialmente. Por ser um problema de saúde pública devido à sua alta prevalência, seus impactos reverberam tanto no âmbito individual quanto no social, podendo provocar consequências significativas e duradouras na vida das vítimas. Dito isso, o investimento em ações e programas eficazes voltados à promoção da saúde, prevenção da violência e oferta de tratamento tem se mostrado fundamental para proteger, acolher e fortalecer esse público. Neste contexto, ao longo dos anos, a arte tem se revelado uma ferramenta promissora para poder alcançar resultados desejados nesse campo em específico. Por tal motivo, esta dissertação teve o propósito de examinar como intervenções baseadas em arte, em especial o crochê praticado em grupo, contribuem para a promoção da saúde mental de mulheres com experiência de vitimização por violência pelo parceiro íntimo. Assim, dividimos o estudo em duas etapas. A primeira teve como objetivo fazer uma revisão de escopo com o intuito de identificar na literatura estudos focados em intervenções baseadas em artes com mulheres que foram sobreviventes de seus relacionamentos amorosos violentos, a fim de descrever as pesquisas que apresentaram o processo de implementação e seus resultados. Os resultados apontaram para uma quantidade diversa de recursos artísticos utilizados com intuito de amparar o público-alvo. Independentemente do tipo de método interventivo e da ferramenta utilizada, a utilização da arte demonstrou ser eficaz para a restauração da saúde mental das mulheres que estavam em sofrimento. Revelou-se, ainda, como um recurso plural, capaz de ativar a expressividade, a criatividade e a fantasia delas. Não foram identificados estudos que avaliavam a implementação, conforme os critérios adotados neste estudo. A segunda teve como objetivo descrever a experiência do público de mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo (VPI) durante o processo de grupo artístico de crochê, compreendendo as percepções e contribuições que este pode ter causado em suas vidas. Realizou-se uma pesquisa de campo, empírica, de cunho exploratória, utilizando como referencial teórico o conceito principal de grupos operativos de Pichon Rivièrie e autores que dialogam com o tema. A pesquisa foi dividida em dois passos. O primeiro buscou-se seguir os passos da técnica da observação participante, com 19 visitas sistemáticas durante um período de quatro meses para acompanhar o funcionamento do grupo e o segundo uma entrevista semiestruturada com 12 participantes. Utilizou-se análise temática dos dados. A análise da experiência das participantes revelou duas categorias predominantes, que destacaram suas percepções sobre o grupo e a atividade artística, bem como as contribuições do grupo para suas vidas. Os resultados mostraram que a participação no grupo artístico de crochê teve um impacto

positivo na vida das participantes ao longo do processo. Esses impactos incluíram a promoção do bem-estar, o fortalecimento do orgulho pessoal por meio da criação de peças artísticas, o estímulo à conexão entre pares e ao apoio mútuo, além do aumento da conscientização. Conclui-se que o uso da arte em contextos grupais pode contribuir para mudanças significativas na vida de mulheres que sofreram VPI.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, intervenção em saúde, artes, grupo de intervenção.

Abstract

Understanding violence perpetrated by intimate partners against women is a broad subject and has been widely discussed by authorities worldwide. Due to its high prevalence, it is considered a major public health issue, with impacts that resonate on both individual and social levels, often resulting in significant and long-lasting consequences in the lives of victims. Given this context, investing in effective actions and programs focused on health promotion, violence prevention, and treatment has proven essential to protect, support, and empower this population. Over the years, art has emerged as a promising tool for achieving positive outcomes in this specific field. For this reason, the present dissertation is composed of two studies. The first aimed to conduct a scoping review to identify, in the literature, studies focused on arts-based interventions involving women who are survivors of violent intimate relationships. The goal was to describe research that reported on implementation processes and outcomes in order to understand what has been done for this population over the past ten years. Implementation or process evaluation refers to the actions taken to ensure that a care program functions effectively, while outcomes pertain to the program's results and impact. The findings revealed a variety of artistic resources used to support the target population. Regardless of the type of intervention method or tool employed, the use of art proved to be effective, positive, and beneficial in restoring the mental health of women in distress. Art also emerged as a multifaceted resource, capable of activating participants' expressiveness, creativity, and imagination. No studies were identified that evaluated the implementation according to the criteria adopted in this research. The second study aimed to describe the experiences of women who had suffered intimate partner violence during their participation in an artistic crochet group, focusing on their perceptions and the contributions the group may have had in their lives. This exploratory field research adopted an empirical approach and was theoretically grounded in Pichon-Rivière's concept of operative groups, as well as related authors. The research was carried out in two stages. The first step involved participant observation, with 19 systematic visits over a four-month period to observe the group's dynamics. The second stage consisted of semi-structured interviews with 12 participants. The data were analyzed using thematic analysis. The analysis of participants' experiences revealed two main categories, highlighting their perceptions of the group and the artistic activity, as well as the contributions of the group to their lives. The results showed that participation in the artistic crochet group had a positive impact on the lives of the participants throughout the process. These impacts included the promotion of well-being, the strengthening of self-esteem and personal pride through the creation of artistic pieces, the fostering of peer connection and mutual support, and

an increase in awareness. In this sense, the use of art in group settings contributed to meaningful changes in the lives of the women involved.

Keywords: intimate partner violence, health intervention, arts, group intervention.

Lista de Siglas

ABI	<i>Affective Body Image</i>
ACS	<i>Awareness of Connectedness Scale</i>
ANOVA	Análise de Variância
APA	<i>American Psychological Association</i>
ASI	<i>Ambivalent Sexism Inventory</i>
BQS	<i>Body-Self Questionnaire</i>
BRS	Escala Breve de Resiliência
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial
CASR-SF	<i>Composite Abuse Scale Revised-Short Form</i>
CES-D	Centro de Estudos Epidemiológicos
CORE-GA	<i>Clinical Outcomes in Routine Evaluation</i>
CORE-OM	<i>Outcome Measure Form</i>
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DAS-21	Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse
DF	Distrito Federal
DGAS	Direção Geral da Ação Social
EAR	Escala de Autoestima de Rosenberg
EPS	Escala de Provisões Sociais
ETI	<i>Essen Trauma Inventory</i>
GAD-7	<i>Generalized Anxiety Disorder 7</i>
GEPPSVida	Grupo de Estudos em Prevenção e Promoção da Saúde no Ciclo da Vida
IAS	<i>Interpersonal Agency Scale</i>
IPV	Intimate Partner Violence
LIC	Lei de Incentivo à Cultura
LMP	Lei Maria da Penha
MPDFT	Ministério Público do Distrito Federal e Territórios
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAS	<i>Personal Agency Scale</i>
PCL-5	<i>Posttraumatic Stress Disorder checklist for DSM-5</i>
PIL	<i>Purpose in Life Test</i>

PND	<i>Percentage of Nonoverlapping Data</i>
PTGI	Inventário de Crescimento Pós-Traumático
PTSD	<i>Posttraumatic Stress Disorder</i>
QSG	Questionário de Saúde Geral
QV	Qualidade de vida
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UnB	Universidade de Brasília
UNODC	<i>United Nations Office on Drugs and Crime</i>
VPI	Violência por Parceiro Íntimo

Lista de Figuras e Tabelas

Figura 1- Diagrama de Identificação dos Estudos de Acordo com Critérios de Inclusão e Exclusão.....	35
Figura 2 - Imagens dos Amigurumis.....	79
Figura 3 - Imagens dos Amigurumis de Crochê	86
Figura 4 - Imagens dos Amigurumis de Crochê	88
Tabela 1 - Número de Artigos Identificados por Combinação de Descritores e Operadores Booleanos.....	33
Tabela 2 - Descrição das Intervenções	37
Tabela 3 - Avaliação das Intervenções	40
Tabela 4 - Dados Sociodemográficos	69
Tabela 5 - Plano de Oficina para Aprendizado do Crochê.....	70

Sumário

Apresentação.....	17
Referências.....	22
Capítulo 1: Intervenções Baseadas em Arte com Mulheres Sobrevidentes de Violência por Parceiro Íntimo: Uma Revisão de Escopo	25
Introdução	27
Saúde da Mulher e VPI.....	28
Conectando Arte e Saúde.....	29
Intervenção em Arte	30
Método	31
Criação de uma Questão de Pesquisa	32
A seleção do Estudo de Acordo com Critérios de Inclusão e Exclusão	32
Busca e Identificação de Artigos Relevantes.....	32
Extração dos Dados	33
Síntese dos Dados	33
Resultados	35
Características das Intervenções.....	36
Implementação das Intervenções.....	38
Avaliação das Intervenções	38
Discussão.....	46
Considerações Finais.....	49
Referências	50
Capítulo 2: Tecendo a Vida: Percepção de Mulheres que Vivenciaram Violência por Parceiros Íntimos sobre suas Experiências em um Grupo de Crochê.....	57
Introdução	59
Centros Comunitários como Estratégia de Cuidado.....	60
Grupos Operativos.....	62
Arte para Mulheres Vítimas de VPI	64
Método	66
Desenho da Pesquisa	66
Contexto	67
Participantes	68
As Oficinas	69
Procedimentos de Coleta de Dados	71

Análise dos Dados	72
Aspectos Éticos	73
Resultados e Discussão	74
Tema 1: A Percepção das Participantes a Respeito do Grupo	74
Sensações e Sentimentos com Relação ao Grupo de Crochê	74
Sentimentos com Relação ao Fazer Crochê.....	78
Oportunidade para Mais Conexão.	81
Tema 2: Contribuição do Grupo para as Mulheres.....	81
Contribuição do Grupo para a Vida.	82
Aprendizagem entre os Membros do Grupo.....	87
Considerações Finais.....	88
Referências	92
Considerações Finais	101
Referências.....	106
Apêndices.....	110
Apêndice A - Questionário Sociodemográfico.....	111
Apêndice B - Entrevista Semiestruturada	112
Anexos	113
Anexo A - Parecer Consustanciado do Comitê de Ética	114
Anexo B - Autorização Institucional.....	119
Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	120
Anexo D - Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de Pesquisa.....	122

Apresentação

O presente estudo surgiu a partir da minha prática como psicóloga da saúde e clínica, com o tema do sofrimento psíquico de mulheres que vivenciaram diversas formas de abusos e agressões em suas relações amorosas ao longo da vida, e de suas interlocuções com a arte como ferramenta de cura e resgate pessoal.

O tema desse estudo, inicialmente, emergiu no contexto de uma conversa íntima entre amigas, manifestando-se como uma preocupação subjetiva compartilhada. Com o aprofundamento das reflexões, tornou-se evidente sua complexidade e relevância no âmbito das relações humanas, revelando-se carregado de significados afetivos, simbólicos e sociais. A potência desse conteúdo psíquico, associada às experiências vividas no contexto cultural contemporâneo, indicou a necessidade de sua abordagem por meio de um processo investigativo sistematizado. Assim, a escolha pelo desenvolvimento de uma pesquisa científica buscou não apenas compreender o fenômeno em sua multidimensionalidade, mas também contribuir para a construção de saberes que possam promover cuidado, escuta e transformação no campo da Psicologia.

Olhar para as relações amorosas a partir de uma perspectiva profissional e pessoal é percorrer caminhos de inúmeras inquietações. Tenho observado que estamos susceptíveis a todas as paixões, mas me pergunto: qual forma de amor estamos propensos a enfrentar ou ilesos para nos blindarmos? O conteúdo de minhas observações e experiências relativas ao amor está intensamente presente nas queixas dos clientes, nas leituras de livros, nas insatisfações de amigos, nas conversas em bares e, muito especialmente, no sofrimento de pessoas que buscam preservar relações satisfatórias e duradouras – inclusive as minhas. A literatura mundial é vasta e, muitas vezes, penso que ela tem se debruçado sobre a ordem do vivido e da experiência, a partir de uma perspectiva idealizada e tradicionalmente romantizada do que é manter um relacionamento amoroso saudável. Porém, na busca por explicações ou identificações de

possíveis fatores causais que justifiquem a manutenção ou a deterioração das relações amorosas, deparei-me com leituras densas e amargas, que também faziam parte desse entrelaçamento (Cardella, 2009; Lima & Filho, 2018; Michelena, 2011; Murta et al., 2014; Neal, 2018; Pimentel, 2011). Elas me deram recursos para olhar as fissuras nas relações amorosas e me confrontar com uma gama de questionamentos até então não despertados. Assim, inaugurou-se a abertura para o campo dos abusos e das violências nos relacionamentos íntimos.

No tecer desse despertar, me vi diante de modelos tradicionais de feminilidades passivas impostos pelo patriarcado. Estudar relacionamentos amorosos me permitiu constatar práticas culturais femininas de colocar a vida amorosa no centro de tudo, e perceber que isso foi, e ainda é, fruto de uma sociedade que, ao longo dos anos, relegou a mulher e a colocou em segundo plano, em comparação aos homens. A mulher, enquanto indivíduo, internaliza que sua vida só estará preenchida se tiver alguém ao seu lado (D'Amico, 2020; Hooks, 2024; Zanello, 2022). Assim, minha primeira lição sobre relacionamentos abusivos foi marcada por fortes questões culturais e sociais.

Atualmente, estamos vivendo mudanças sociais que também afetam a forma como os relacionamentos íntimos se estruturam. Aspectos como a intimidade, as responsabilidades, o modo de dividir tarefas e até o tempo de duração das relações têm se transformado (Bauman, 2004; Illouz, 2009; Lins, 2024). Essas mudanças trazem novas formas de enxergar os relacionamentos e tornam as dinâmicas afetivas mais complexas. Com isso, ganham destaque questões que antes eram ignoradas, especialmente aquelas ligadas ao papel tradicional que a mulher costuma ocupar nesses vínculos.

Nesse sentido, falar sobre mudanças e novas configurações de relacionamentos íntimos não minimiza o fato de a mulher continuar assumindo a amarga função de viver em função de um “amor”, de que o homem ainda está em primeiro lugar e que a violência nos

relacionamentos amorosos está exponencialmente crescendo (DataSenado, 2024). Saffioti (1992) já afirmava que a violência por parceiros íntimos (VPI) é fenômenos complexos e multifacetados, que perpassam a construção de nossa sociedade, caracterizada por ações que visam eliminar preferências, julgamentos, opiniões e sentimentos da vítima – ações que nascem no instante em que o agressor percebe estar perdendo o poder ou sente sua impotência.

A VPI ganha maior relevância quando são consideradas a sua prevalência e seus efeitos psicossociais. Em termos de prevalência, os dados do Atlas da Violência revelam que apenas no ano de 2023, 177.086 casos de violência doméstica foram registrados no Brasil, o que corresponde a 64,3% de todas as violências contra pessoas do sexo feminino (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA], 2025). Em termos de efeitos psicossociais, as consequências são significativas à saúde mental das vítimas, incluindo sintomas depressivos, transtornos de ansiedade, estresse pós-traumático, diminuição da autoestima, isolamento social e dificuldades no estabelecimento de novos vínculos afetivos (Beer & Kwoun, 2024; Gascón et al., 2024; Goldner & Frid, 2022; Kirk, 2015; Murray et al., 2017; Skop et al., 2022). Tais impactos revelam a urgência de intervenções que considerem a complexidade dessas experiências e promovam o cuidado integral às mulheres afetadas (IPEA, 2025; Martins et al., 2020).

É sob essa ótica que meu fazer pessoal e profissional vem ganhando contornos e venho buscando cada vez mais aperfeiçoamento. Enquanto pessoa, marcada por angústias, anseios e rachaduras, busco na arte um lugar de acolhimento e morada para amparar de minhas dores pessoais. Enquanto psicoterapeuta gestáltista, venho utilizando esse recurso para abrir caminhos para os aprofundamentos diversos de pessoas que lutam para o encontro de si com seu mundo interno ou, simplesmente, lutam por uma relação mais apaziguada de si com o mundo em que habitam.

Esta dissertação teve o propósito de examinar como intervenções baseadas em arte, em especial o crochê praticado em grupo, contribuem para a promoção da saúde mental de mulheres com experiência de vitimização por VPI. É composta por dois estudos, apresentados em forma de artigos, além das seções de Apresentação e Considerações Finais. O primeiro consiste em uma revisão de escopo sobre intervenções baseadas em arte direcionadas a mulheres vitimizadas por violência pelo parceiro íntimo. O segundo aborda um estudo qualitativo acerca da experiência de mulheres que vivenciaram VPI participantes em um grupo de crochê, enquanto dispositivo de promoção da saúde mental.

No primeiro ato, a estruturação do primeiro artigo, eu me deparei com leituras que colocaram a arte em um lugar de promotora de saúde que vem ao longo dos anos se estruturando de maneira significativa para a produção do conhecimento (Boydell et al., 2012; Coemans & Hannes, 2017; Davies & Pescud, 2020; Fancourt, 2017). Assim, realizei um levantamento acerca das pesquisas que foram executadas sobre intervenções baseadas em arte junto ao público desejado. O objetivo desta revisão de escopo foi identificar estudos focados em intervenções baseadas em artes com mulheres que sofreram VPI, buscando descrever seu processo de implementação e seus resultados. Entrar no campo da implementação e resultados de intervenções me ajudou a perceber que a arte, mesmo que timidamente, vem sendo utilizada como recurso interventivo no trabalho de cura das dores do público ao qual venho me dedicando a cuidar, ao mesmo tempo em que se revela como um instrumento eficaz para a comunidade científica. Por outro lado, os resultados mostraram que a implementação destas intervenções é pouco conhecida, pois o foco das pesquisas não tem sido a forma como essas intervenções vem sendo conduzidas.

O segundo estudou surgiu da oportunidade de acompanhar mulheres vítimas de seus antigos parceiros, em um centro comunitário no Distrito Federal (DF), que tinha por objetivo ensinar, empoderar e fortalecer mulheres através do crochê. Eis que o tema do meu segundo

ato estava inscrito, e pude acompanhar o processo destas mulheres durante a trajetória grupal. Este estudo teve o propósito de descrever as vivências delas durante o grupo de crochê e examinar as contribuições por elas percebidas deste grupo em suas vidas. Para isso, eu fui observadora participante nos encontros grupais e as entrevistei para ouvir suas próprias histórias e desvendar suas percepções sobre como a processo artístico grupal que foi experimentado. Utilizei os princípios da observação participante para adentrar ao centro comunitário, durante um período de 4 meses e viver um período de imersão de campo. A coleta de dados decorreu do registro em diário de campo. Os dados também foram tratados por meio da análise temática (Braun & Clarke, 2006). Os achados contribuem para a compreensão de como o grupo e o processo de fazer crochê ganharam ou não contorno na vida das participantes durante a trajetória delas ali.

Referências

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.
- Beer, L. E., & Kwoun, S. (2024). Trauma-informed music therapy with adult survivors of intimate partner violence and sexual assault: A scoping review. *The Arts in Psychotherapy*, 87 (102120), 1–8. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2024.102120>
- Boydell, K. M., Gladstone, B. M., Volpe, T., Allemand, B., & Stasiulis, E. (2012). The production and dissemination of knowledge: A scoping review of arts-based health research. *Forum: Qualitative Social Research*, 13(1), <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs1201327>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cardella, B. H. P. (2009). *Laços e nós: Amor e intimidade nas relações humanas* (1. ed.). Ágora.
- Coemans, S., & Hannes, K. (2017). Researchers under the spell of the arts: Two decades of using arts-based methods in community-based inquiry with vulnerable populations. *Educational Research Review*, 22, 34–49. <http://dx.doi.org/10.1016/j.edurev.2017.08.003>
- D'amico, A. (2020). *O amor não dói* (3. ed.). Poidós.
- DataSenado (2024). *Pesquisa nacional de violência contra a mulher – 2023*. <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>
- Davies, C., & Pescud, M. (2020). *The arts and creative industries in health promotion: An Evidence Check rapid review*. Sax Institute. https://www.saxinstitute.org.au/wp-content/uploads/20.12_Evidence-Check_arts-and-health-promotion.pdf

- Fancourt, D. (2017). *Arts in health: Designing and researching interventions*. Oxford University Press.
- Gascón, M. R. P., Mendes, L. V., & Bittencourt, S. (2024). Violência doméstica: Por que a vítima permanece com o agressor? *Revista da Faculdade Paulo Picanço*, 4(3), 1–39.
<https://doi.org/10.59483/rfpp.v4n3116>
- Goldner, L., & Frid, L. (2022). Fragmentation of the self: Characteristics of sexual assault and implications in self-drawing. *The Arts in Psychotherapy*, 77, 1–9.
<https://doi.org/10.1016/j.aip.2021.101877>
- Hooks, B. (2024). *Comunhão a busca das mulheres pelo amor* (1. ed.). Elefante.
- Illouz, E. (2009). *O consumo do romance: A sexualidade e o amor na cultura do capitalismo tardio*. Editora UNESP.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2025). *Atlas da violência*. IPEA.
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>
- Kirk, J. C. (2015). Dramatherapy with women survivors of domestic abuse: A small scale research study. *Dramatherapy*, 37(1), 28–43.
<https://doi.org/10.1080/02630672.2015.1101480>
- Lima, P. V. A., & Filho, A. P. L. (2018). *Intimidade em relações amorosas* (1. ed.). Multifoco.
- Lins, R. N. (2024). *Novas formas de amar* (2. ed.). Paidós.
- Martins, T. C. R., Brito, M. F. S. F., Pinho, L., Souza, K, V., & Leite, M. T. S. (2020). Educação popular em saúde no combate à violência de gênero: A visão de mulheres. In A. C. Paro, M. A. M. Lemeões & R. Pekelman (Orgs.), *Educação popular e a (re)construção de práticas cuidadoras* (pp. 221–250). CCTA.
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/53079>

- Michelena, M. (2011). *Mulheres malqueridas: A reconstrução de uma identidade perdida* (1. ed.). Saberes.
- Murray, C. E., Spencer, K. M., Stickl, J., & Crowe, A. (2017). See the triumph healing arts workshops for survivors of intimate partner violence and sexual assault. *Journal of Creativity in Mental Health*, 12(2), 192–202.
<https://doi.org/10.1080/15401383.2016.1238791>
- Murta, S., Ramos, C. E. P. L., Tavares, T. N. G., Cangussú, E. D. A., & Costa, M. S. F. (2014). *Libertando-se de namoros violentos: Um guia sobre o abandono de relações amorosas abusivas* (1. ed.). Sinopsys
- Neal, A. (2018). *Relações destrutivas: Se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal* (3. ed.). Gente.
- Pimentel, A. (2011). *Violência psicológica nas relações conjugais: Pesquisa e intervenção clínica* (1. ed.). Summus.
- Saffioti, H. I. B. (1992). Rearticulando gênero e classe social. In A. O. Costa & C. Bruschini (Orgs.), *Uma questão de gênero* (pp. 183–215). Rosa dos Tempos.
- Skop, M., Darewych, O. H., Rott, J., & Mason, J. (2022). Exploring intimate partner violence survivors' experiences with group art therapy. *International Journal of Art Therapy*, 27(4), 159–168. <https://doi.org/10.1080/17454832.2022.2124298>
- Zanello, V. (2022). *A prateleira do amor: Sobre mulheres, homens e relações* (1. ed.). Appris.

Capítulo 1: Intervenções Baseadas em Arte com Mulheres Sobreviventes de Violência por Parceiro Íntimo: Uma Revisão de Escopo

Resumo

A violência por parceiro íntimo (VPI) constitui um problema de saúde pública que pode resultar traumas significativos para aqueles que a vivenciam. A presente revisão de escopo teve como objetivo identificar estudos focados em intervenções baseadas em artes com mulheres que foram vítimas de violência por seus parceiros íntimos, buscando descrever seu processo de implementação e seus resultados. Realizou-se levantamento de produções científicas, em idioma inglês, espanhol e português, disponíveis nas bases de dados Periódicos Capes, SciELO e APA PsycInfo, PubMed e BVS, das quais 13 atenderam aos critérios de inclusão. Os resultados obtidos demonstraram o potencial das artes no contexto de cuidado para as vítimas de violência em contexto de relacionamento, revelando eficácia da intervenção através de cura das feridas e dos traumas subjetivos. A maioria dos estudos estavam direcionados para avaliação dos resultados das intervenções e apenas um buscou analisar a implementação. Novos estudos devem avaliar o processo de implementação, em adição aos resultados de intervenções baseadas em artes para mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, arte, pesquisa baseada em arte, resultados, implementação.

Abstract

Intimate partner violence (IPV) is a public health concern that can result in significant trauma for those subjected to it. The present scoping review sought to identify studies focusing on arts-based interventions with women who have suffered violence from their intimate partners, with a view to describing their implementation processes and outcomes. A literature search was conducted in English, Spanish, and Portuguese across a range of databases, including Capes Journals, SciELO, APA PsycInfo, PubMed, and BVS. This yielded a total of 13 studies that met the predetermined inclusion criteria. The findings indicated the potential of the arts in the care context for victims of abusive relationships, demonstrating the effectiveness of such interventions in healing emotional wounds and subjective trauma. The majority of studies have focused on evaluating intervention outcomes, with only one addressing the implementation process. It is recommended that future research consider the implementation process and outcomes of arts-based interventions for women affected by intimate partner violence.

Keywords: intimate partner violence, art, arts-based research, outcomes, implementation.

Introdução

A violência por parceiros íntimos (VPI) é um problema de grande magnitude, que viola de forma generalizada os direitos humanos daqueles que passam por essa situação. Enquanto problema de saúde pública, afeta parte da população mundial, e suas causas estão relacionadas a elementos históricos e sociais, tais como o patriarcado, o machismo estrutural, a desigualdade de gênero, a economia e as questões culturais (Goldner & Frid, 2022; Lourenço & Costa, 2020; Murray et al., 2017; Organização Mundial da Saúde [OMS], 2012).

Em se tratando de mulheres que passam por violências em seus relacionamentos amorosos, a OMS (2013) afirma que 35,6% delas (uma a cada três) já relataram ter sofrido esse tipo de violência, assim como 38% dos assassinatos ocorridos contra mulheres são cometidos por seus parceiros. A VPI é um evento altamente debilitante em qualquer classe social, e suas formas de manifestação podem ser através de violência verbal, psicológica, patrimonial, física, chegando ao extremo, com a perda da vida da mulher, através do feminicídio. De acordo com dados recentes publicados pela *United Nations Office on Drugs and Crime* ([UNODC], (2024), 85 mil mulheres e meninas foram mortas no ano de 2023, sendo que 60% desse número, 51 mil delas, foram vítimas de seus parceiros íntimos ou membros das famílias, o que eleva o senso de urgência conferido ao tema.

No que diz respeito a esses tipos de abusos, a violência moral está relacionada a qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Brasil, 2006). A violência física é caracterizada como qualquer ação que ofenda a integridade e/ou saúde corporal da vítima. Já a violência psicológica é entendida como a conduta que irá causar prejuízo emocional e diminuição na autoestima da pessoa. Esta é uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas que provoca danos psicológicos que podem durar vários anos (Brasil, 2006; OMS, 2012). E por último, a violência patrimonial, que compreende retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e

direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer necessidades (Brasil, 2006).

Saúde da Mulher e VPI

Para as sobreviventes de VPI, as marcas deixadas pelos abusos podem ser prejudiciais por toda uma vida (Beer & Kwoun, 2024; Özkafacı & Eren, 2020), porque muitas delas passam anos vivenciando a violência (Gomes et al., 2022; Kirk, 2015), e os resultados deixados têm impactos tanto na saúde física quanto na saúde mental. Segundo Özkafacı e Eren (2020), as reações, as experiências e os métodos de enfrentamento vividos por uma mulher vítima “podem diferir de indivíduo para indivíduo devido a fatores como diferenças individuais, ambiente social, tipo de família, cultura e experiências de vida” (p. 02). A literatura focada em mulheres com histórico de VPI afirma perdas significativas na saúde, como um todo, da mulher (Gascón et al., 2024). As consequências físicas podem incluir dor crônica, dor pélvica, problemas gastrointestinais, miomas, enxaquecas, lesões graves, dentre outras (Duran & Tepehan, 2019). Já os sintomas psicológicas e emocionais podem se manifestar através de ansiedade, depressão, medo, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), diminuição da autoestima e da satisfação com a vida (Beer & Kwoun, 2024; Goldner & Frid, 2022; Kirk, 2015; Murray et al., 2017; Skop et al., 2022).

O processo de sair da situação de violência depende, na maioria das vezes, do fortalecimento pessoal, das condições subjetivas e da acessibilidade e efetividade de programas que apresentem intervenções que possam ampará-las e serviços que sejam eficazes, como os de assistência social, casas de abrigo, dentre outros. Há evidências sobre a importância dos serviços de proteção à mulher vítima de seus parceiros, tendo em vista que o apoio ofertado visa a emancipação, a autonomia sobre a própria vida, seus desejos e o fortalecimento no enfrentamento da situação vivenciada, promovendo, além da segurança, uma melhor qualidade de vida (Leite et al., 2019; Vieira et al., 2020). No entanto, algumas revisões têm demonstrado

evidências baixas a médias para as intervenções psicológicas (Curia, et al., 2020; Tan et al., 2022; Micklitz et al., 2024).

Além disto, Santos (2018) revela que as mulheres vítimas de seus parceiros íntimos, muitas vezes, apresentam dificuldades de acesso às redes de apoio, uma vez que as intervenções não são eficazes, os profissionais não são qualificados e o serviço é desarticulado, elevando a necessidade por intervenções eficazes para esse público.

Conectando Arte e Saúde

A arte é um processo lúdico e subjetivo que, frequentemente, diz respeito aos sentimentos, às emoções e à percepção de vida daquele que a produz. Segundo Fancourt e Finn (2019), as atividades artísticas têm o potencial provocador capaz de envolver experiências imaginativas, engajamentos estéticos e ativação sensorial tanto para a pessoa que a produz quanto para o público, evocando conteúdos pessoais e transcendendo fronteiras. Deste modo, a produção artística potencializa a reinvenção das percepções acerca do mundo ao redor e acerca de si próprio, ajudando na reelaboração de dores, medos e angústias.

Davies et al. (2012), citados por Fancourt e Finn (2019), descrevem cinco categorias de engajamento em arte: 1) artes cênicas (dança, teatro, canto e filme); 2) literatura (escrever, ler ou até mesmo participar de festivais literários); 3) cultura (museus, galerias, exposições de arte, concertos, eventos comunitários, festivais e feiras culturais); 4) artes *online*, digitais e eletrônicos (animações, produções cinematográficas e computação gráfica) e 5) artes visuais, design e artesanato (fotografia, pintura, escultura, têxteis e o próprio artesanato e design).

Assim, Davies e Pescud (2020) afirmam que as combinações entre as mais diversas formas de artes podem fazer interlocuções, de modo que transcendam fronteiras culturais e gerem respostas no campo da promoção, da prevenção e do tratamento. Para os autores, os “componentes existentes nessas atividades artísticas podem desencadear respostas

psicológicas, fisiológicas, sociais e comportamentais que são elas próprias causalmente ligadas a resultados em saúde” (p. 04).

Intervenção em Arte

Enquanto tratamento de pessoas com agravos à saúde mental, o trabalho com as artes pode amparar as abordagens farmacológicas e o tratamento psicológico tradicional (Fancourt & Finn, 2019). Quando a arte é usada em um contexto de cuidado, pode ser concebida como uma estratégia para promover melhoria de vida e cura de traumas significativos (Davies & Pescud, 2020; Özkafacı & Eren, 2020).

Terapeutas que trabalham com intervenções artísticas para o público de mulheres que sofreram VPI ressaltam a importância do cuidado às pessoas que passaram por situação de traumas profundos (Binkley, 2013; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021, Zielona-Jenek et al., 2019), enfatizando a necessidade de medidas de apoio e espaços adequados para administrar estratégias criativas que permitam aos indivíduos se curarem de suas experiências abusivas e violentas. Estas estratégias devem focar a vida no presente, e no futuro, e favorecer o aprendizado de novas habilidades (Binkley, 2013). Assim, a arte, enquanto ferramenta terapêutica, pode ser um canal potente para que as sobreviventes de VPI sejam capazes de expressar seus sentimentos e suas vivências dolorosas.

É com base no potencial das artes na vida de muitas pessoas que investigadores e pesquisadores têm oferecido um número crescente de exemplos de aplicações de intervenções baseada nas artes (Bird, 2018; Cardinal, 2014; Destri, 2014; Giesbrecht et al., 2021; Kirk, 2015; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Murray et al., 2017; Özkafacı & Eren, 2020; Sabina et al., 2023; Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Wanting, 2024; Zielona-Jenek et al., 2019). Nota-se ainda que há o reconhecimento do uso de abordagem a fim de trabalhar sintomas de traumas e promover a cura entre as sobreviventes de abusos (Giesbrecht et al., 2021; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Zielona-Jenek et al., 2019). No entanto, há necessidade de estudos que

avaliem a eficácia de intervenções baseadas em arte para mulheres vítimas de seus parceiros amorosos, pois a literatura ainda é insuficiente (Kirk, 2015; Giesbrecht et al., 2021; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Zielona-Jenek et al., 2019).

A aplicação de modalidades artísticas como ferramenta de intervenção com mulheres vítimas de VPI tem sido explorada em estudos recentes. Uma revisão de escopo realizada por Beer e Kwoun (2024) buscou identificar, na literatura atual sobre musicoterapia, abordagens voltadas ao tratamento de traumas em mulheres que vivenciaram VPI e abusos sexuais. Da mesma forma, uma revisão sistemática conduzida por Heard et al. (2017) apresenta uma síntese das intervenções teatrais aplicadas à prevenção primária, secundária e terciária da VPI. Complementando essas perspectivas, um estudo canadense realizado por Allary et al. (2023) investigou os tipos de abrigos disponíveis para mulheres indígenas vítimas de VPI no Canadá, propondo melhorias nos serviços de acolhimento e suporte oferecidos. Contudo, ainda não são conhecidos estudos de revisões que abordem o tema da implementação dessas modalidades e de seus resultados. Assim, busca-se, através dessa revisão de escopo, identificar na literatura estudos focados em intervenções baseadas em artes com mulheres que sofreram VPI, buscando descrever o seu processo de implementação e seus resultados.

Método

Trata-se de uma revisão de escopo, definida como um estudo que tem o objetivo de mapear os conceitos-chave, que sustentam uma determinada área de conhecimento, suas principais fontes e seus tipos de evidências (Arksey & O’Malley, 2005). Em outras palavras, é um método que sintetiza e explora a literatura identificando tendências e lacunas acerca de um determinado assunto (Westphaaln et al., 2021).

O método de revisão de escopo empregado nesse estudo foi o desenvolvido por Arksey e O’Malley (2005), conduzido em cinco etapas, a saber:

Criação de uma Questão de Pesquisa

O presente estudo elegeu a seguinte pergunta norteadora: Quais as estratégias de implementações estão sendo empregadas em intervenções baseadas em arte e quais são os resultados, em mulheres que sofreram violência por seus parceiros íntimos, e os referidos resultados?

Neste estudo, denomina-se de intervenção baseada em arte qualquer manifestação expressiva, através da qual fez-se uso de recursos artísticos como desenho, poesia, fotográfica, teatro, pintura, argila, música, *vlog* e outros, que vierem a colaborar no processo de aprofundamento subjetivo e de cura traumática por VPI em mulheres.

A seleção do Estudo de Acordo com Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram incluídos artigos de cunho empírico, com dados primários, que descreviam intervenção que fez uso de método artístico, que investigaram a implementação e/ou resultados dessa intervenção; cujo público-alvo eram mulheres que sofreram VPI; disponíveis em inglês, português e espanhol e publicados entre 2014 e 2024. Não houve limitações pela localização geográfica, cultura ou raça da amostra.

Os critérios de exclusão foram publicações que não cediam acesso livre ao leitor que não tinham acesso livre ao leitor, pois se fazia necessário adquirir o artigo para a leitura; que utilizaram a arte como recurso interventivo, mas não trabalharam com o público desejado; que não utilizaram a arte enquanto recurso interventivo, mas trabalharam com o público-alvo; que usaram a intervenção artística para prevenção da VPI ou trabalharam com outro público-alvo. Foram também excluídos artigos teóricos, artigos de revisão, capítulos de livros e dissertações também foram excluídos.

Busca e Identificação de Artigos Relevantes

As bases selecionadas foram Periódicos Capes, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e APA PsycInfo, PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e os termos

pesquisados incluíram combinações de palavras tanto em inglês quanto em português (“*domestic violence*” OR “*intimate partner violence*” OR “*partner abuse*” OR “violência doméstica” OR “violência de parceiro íntimo” OR “abuso de parceiro”) AND (*woman* OR *women* OR “*human females*” OR *mujer* OR *mujeres* OR “fêmeas humanas”) AND (“*artistic intervention*” OR “*art therapy*” OR “*arts-based research*” OR “*arts-based methods*” OR “*arts-based intervention*” OR “intervenção artística” OR arteterapia OR “pesquisa baseada em artes” OR “métodos baseado em artes” OR “intervenção baseada em artes”). A mesma combinação foi realizada em todas as bases, respeitando as características e individualidades de cada uma. O número de artigos identificados em cada base de dados está descrito na Tabela 1.

Tabela 1

Número de Artigos Identificados por Combinação de Descritores e Operadores Booleanos

Base de dados	PubMed	PsyInfo	SciELO	BVS	Periódicos CAPES
Artigos	13	35	1	10	80
Total					139

Extração dos Dados

Foram realizadas leituras criteriosas dos títulos e resumos, em caso de dúvidas, uma segunda avaliadora fez a manutenção ou exclusão dos materiais. Permanecendo uma terceira autora foi acionada como juíza para tomada da decisão final acerca da inclusão ou exclusão das publicações. Posteriormente, todos os artigos que estavam compatíveis com os critérios de elegibilidade foram lidos de forma integral.

Pelo número ínfimo de resultados encontrados nas bases de dados, optou-se por fazer uma busca manual e detalhada dos estudos encontrados, sem a utilização de programas capazes de ajudar no processo da seleção das publicações.

Síntese dos Dados

A análise dos dados centrou-se em três dimensões: caracterização das intervenções, implementação e resultados. Na primeira dimensão, os estudos foram analisados quanto aos

critérios tipo de arte, aplicação da intervenção artística, país em que o estudo foi realizado, participantes e formato (se individual ou grupal).

A segunda dimensão, implementação foi definida como a forma como uma intervenção foi entregue ao público-alvo (Champagne et al., 2011). Segundo Strelow (2016), examinar a implementação significa debruçar-se sobre as relações que ocorrem durante a implementação de uma intervenção e seu contexto. Toda intervenção partirá de um modelo ideal de planejamento de intervenção. No entanto, a forma como ela irá transcorrer dependerá de fatores contextuais, dos atores envolvidos e do encaixe entre a intervenção e o contexto. A avaliação da implementação também abarca investigar se a implementação ocorreu como previsto ou se foi preciso fazer mudanças para se adequar ao contexto ou às demandas dos participantes; se as necessidades e preferências dos participantes foram satisfeitas; como o público-alvo se engajou na intervenção e como os facilitadores da intervenção atuaram durante a oferta das atividades. Como critério de análise de implementação dos artigos selecionados para este estudo, optamos por investigar o nível de satisfação dos participantes com a intervenção, o envolvimento dos participantes com a intervenção e a qualidade de atuação dos facilitadores como indicadores-chave no processo de investigação.

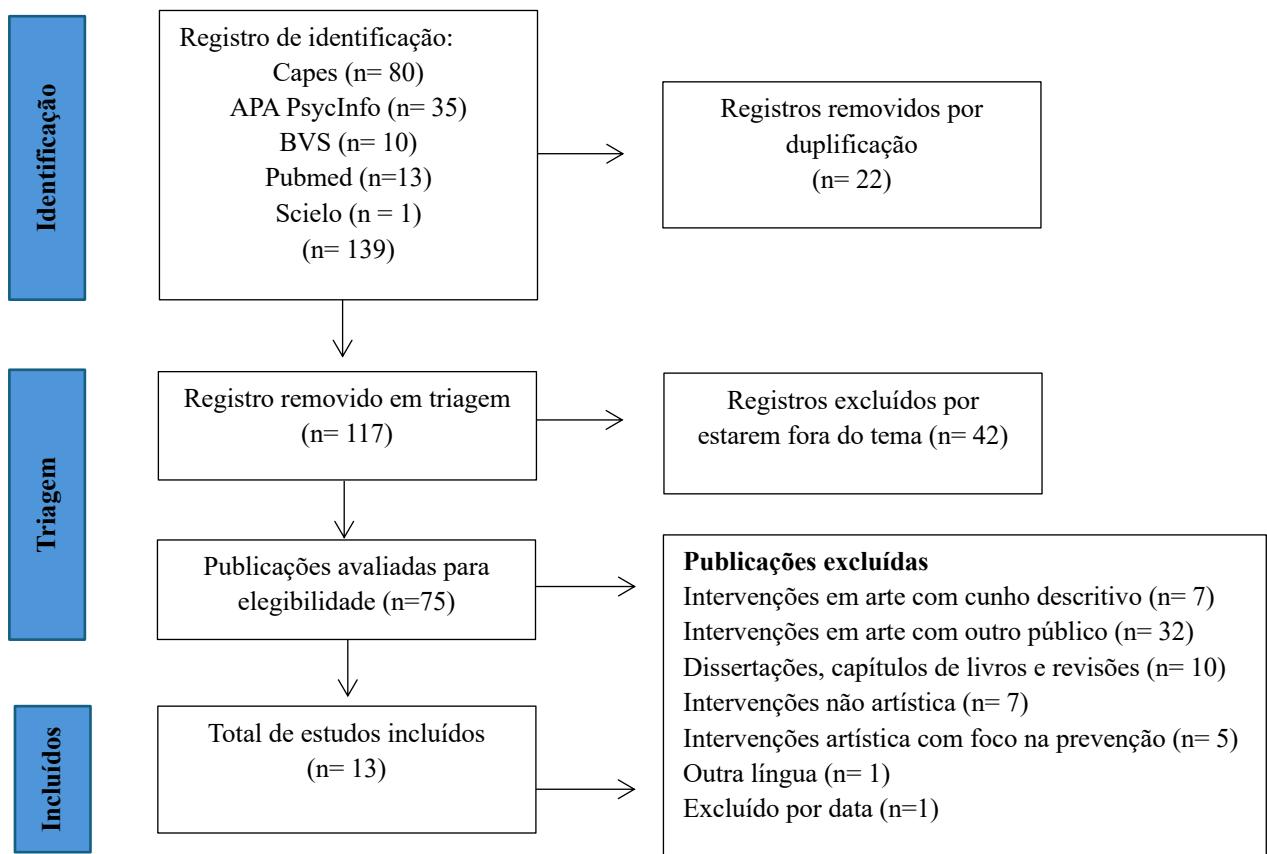
A terceira dimensão, resultados, dizem respeito ao desfecho e ao produto do programa. Aqui objetiva-se entender se a intervenção causou mudanças na vida dos participantes. Após aplicação da intervenção, busca-se verificar se houve alterações de saúde ou de comportamento, assim como mudanças comportamentais ou psicológicas (Strelow, 2016). Os resultados devem ser considerados à luz do método da pesquisa utilizado, o que compreende o desenho do estudo e procedimentos de coleta e análise dos resultados. Em vista disto, neste estudo, para análise dos resultados das intervenções, foram adotados os critérios: desenho do estudo, técnica de coleta de dados, procedimentos de análise de dados e resultados encontrados.

Resultados

Foram encontrados 139 artigos, dos quais 22 estudos estavam duplicados. Dos 117 artigos restantes, foram realizados a leitura dos títulos e resumos, o que resultou em 75 artigos potencialmente elegíveis, dos quais 32 estudos foram excluídos por focarem em outro público-alvo. O estudo incluiu apenas artigos publicados em inglês e espanhol, pois não foram encontradas pesquisas que abrangessem os termos selecionados em português. Após a leitura integral, foram excluídas 32 publicações, pois o foco do trabalho não se localizava na intervenção desejada, permanecendo 13 artigos para este estudo (Figura 1). As razões para exclusão dos artigos e número de artigos excluídos estão apresentadas na Figura 1.

Figura 1

Diagrama de Identificação dos Estudos de Acordo com Critérios de Inclusão e Exclusão



Características das Intervenções

Os 13 artigos foram caracterizados quanto ao tipo de arte e aplicação da intervenção artística, país, participantes e formato (Tabela 2). Quanto à origem dos estudos, três foram realizados no Canadá (Cardinal, 2014; Giesbrecht et al., 2021; Skop et al., 2022), dois no Reino Unido (Bird, 2018; Kirk, 2015), dois nos Estados Unidos (Vela et al., 2016; Wanting, 2024) e dois na Espanha (Destri, 2014; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021). Os outros cinco foram realizados em países distintos, sendo um na Polônia (Zielona-Jenek et al., 2019), um na Turquia (Özkafacı & Eren, 2020), um na Índia (Cherian & Reshmy, 2023), um no Equador (Sabina et al., 2023) e um em Israel (Ron & Yanai, 2021).

Um estudo utilizou a música através de oficinas como ferramenta interventiva (Sabina et al., 2023). As artes manuais e visuais ganharam destaque em quatro estudos, através do uso do carvão, da argila, da aquarela e da pintura (Giesbrecht et al., 2021; Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Zielona-Jenek et al., 2019). Cardinal (2014), Bird (2018) e Özkafacı e Eren (2020) também usaram artes manuais, porém só utilizaram um tipo de instrumento: argila, colagem e pintura, respectivamente. As artes expressivas apareceram através de um trabalho com dança (Vela et al., 2016), um com de fotografia (Destri, 2024), um com *vlog* (Wanting, 2024) e dois com teatros (Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Ron & Yanai, 2021). Apenas um trabalho combinou artes expressivas, através do drama com arte, movimento e música (Kirk, 2015), e um único estudo não especificou qual tipo de artes visuais foi utilizada (Cherian & Reshmy, 2023).

Os números de participantes variaram entre dois e 204. Três estudos tiveram quantidade maior do que 80 mulheres, com tempo de duração entre seis e 13 meses (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Sabina et al., 2023). Em contrapartida, três pesquisas tiveram público de duas a três pessoas que aprofundaram os estudos através de trabalhos individuais, em que os autores optaram por fazer um estudo de caso com cada uma das mulheres,

contemplando o modelo de terapia de arte (Cardinal, 2014; Vela et al., 2016; Wanting, 2024).

Todos os outros utilizaram o formato em grupo.

As idades das participantes variaram de 20 a 65 anos. Apenas um estudo trabalhou com mulheres de 39 a 45 anos (Özkafacı & Eren, 2020) e um outro apresentou três grupos de faixas etárias diferentes. A maioria das participantes pertenciam à faixa etária de 30 a 65 anos, enquanto parte substancial tinha faixa etária de 25 a 30 anos, seguida de 16 a 25 anos (Cherian & Reshmy, 2023). Por fim, os demais não citaram a idade da amostra.

Tabela 2

Descrição das Intervenções

Autores e Ano	País	Participantes	Tipo de arte	Formato		Duração
				Indiv.	Grup.	
Cardinal (2014)	Canadá	2 mulheres	Argila/ Uso da técnica do <i>Personality tea pot</i>	Sim	Não	4 meses
Cherian e Reshmy (2023)	Índia	204 mulheres	Artes visuais/ Artigo não detalhou como as artes visuais foram utilizadas	Não	Sim	12 meses, 80m
Destri (2014)	Espanha	10 mulheres	Fotografias/ Oficinas	Não	Sim	Não informado
Giesbrecht et al. (2021)	Canadá	101 mulheres	Artes manuais e visuais/ <i>Nato'we ho win</i> : Uma intervenção artística e cultural, que engloba arteterapia	Não	Sim	3 meses
Kirk (2015)	Reino Unido	15 mulheres	Drama e música/ Uso de cenas artísticas	Não	Sim	6 meses
Mondolfi Miguel e Pino-Juste (2021)	Espanha	17 mulheres	Uso de teatro do oprimido e psicodrama	Não	Sim	9 meses
Özkafacı e Eren (2020)	Turquia	8 mulheres	Pintura/ Oficinas de marmoreio	Não	Sim	3 meses
Ron e Yanai (2021)	Israel	12 mulheres	Teatro/ Psicodrama	Não	Sim	12 meses
Sabina et al. (2023)	Equador	87 mulheres	Música/ Oficinas	Não	Sim	6 semanas, sessões de 1h30m
Skop et al. (2022)	Canadá	6 mulheres	Artes manuais e visuais/ Uso de metáforas visuais	Não	Sim	12 meses
Vela et al. (2016)	EUA	3 mulheres	Sessões de terapia artística criativa por meio de diário com desenho, argila, pintura, dança	Sim	Não	3 meses
Wanting (2024)	EUA	2 mulheres chinesas	<i>Vlogs</i> / Compartilhamento de <i>vlogs</i> nas plataformas de mídia social chinesas	Sim	Não	Não informado
Zielona-Jenek et al. (2019)	Polônia	21 mulheres	Artes manuais/ Programa terapêutico focado na Gestalt-terapia baseada em artes	Não	Sim	4 módulos mensais, 1 módulo de 2 dias, 16h por módulo

Implementação das Intervenções

Apenas um artigo fez menção à implementação ou avaliação do processo em seu artigo (Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021). No entanto, os autores não descreveram os indicadores de implementação almejados neste estudo.

Avaliação das Intervenções

Quanto ao desenho da pesquisa (Tabela 3), seis estudos eram de cunho qualitativo (Cardinal, 2014; Destri, 2014; Ron & Yanai, 2021; Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Wanting, 2024) e todos os outros sete utilizaram métodos mistos (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Kirk, 2015; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkafacı & Eren, 2020; Sabina et al., 2023; Zielona-Jenek et al., 2019).

No que se refere aos estudos qualitativos, cinco eram estudo de casos, sendo que um deles era de cunho descritivo (Cardinal, 2014) e o outro era único com design A-B (Vela et al., 2016). As outras três pesquisas eram exploratórias, com técnicas de análise de dados distintas (Destri, 2014; Skop et al., 2022; Wanting, 2024), e apenas uma era uma pesquisa-ação descritiva (Ron & Yanai, 2021). Destri (2014) utilizou as fotografias, escritas narrativas e produções artísticas, feitas pelas participantes, como técnica de coleta de dados. O estudo de Wanting (2024) optou pela utilização de vídeos e comentários realizados no *TikTok* sobre as histórias de vida das mulheres que passaram por VPI. Por fim, Skop et al. (2022) optaram por uma pesquisa baseada na comunidade com técnicas de entrevista semiestruturada e criação de desenhos para simbolizar a experiência no programa. Na pesquisa-ação, a observação participante foi a técnica encontrada pelos autores para desenvolver o trabalho (Ron & Yanai, 2021).

A análise dos dados das pesquisas contemplou dois estudos que utilizaram a técnica de análise temática (Destri, 2014; Skop et al., 2022), sendo que o primeiro analisou as entrevistas,

e o segundo buscou analisar as produções artísticas das mulheres. Dois artigos optaram pela análise de conteúdo (Ron & Yanai, 2021; Wanting, 2024).

Vale ainda ressaltar a técnica de coleta e análise de dados utilizada pelos estudos de caso. Cardinal (2014) optou por coletar seus dados através de uma observação do processo criativo do grupo, entrevista e avaliação das peças criadas. Optou-se por uma análise narrativa desse material para identificar mudanças na autoconsciência e expressão emocional. Vela et al. (2016) usaram a escala de esperança e de Rosenberg, para descobrir o nível de esperança e de autoestima das participantes, e a *Percentage of Nonoverlapping Data* (PND) como ferramenta de análise de dados, um modelo estatístico para medir e analisar a pontuação das escalas e para análise visual das tendências observadas.

Nos estudos mistos foram identificados diversos tipos de desenhos da pesquisa. Foram identificados dois artigos com grupo de comparação pré e pós sem grupo controle (Giesbrecht et al., 2021; Sabina et al., 2023), sendo o último uma pesquisa longitudinal com três tempos de aplicação da avaliação, o tempo 1 – antes de começar o programa, o tempo 2 – logo após o término do programa, e o tempo 3 – após um ano da aplicação da intervenção. Um único estudo apresentou desenho quase-experimental com avaliação pré e pós-teste, sem grupo controle (Özkafacı & Eren, 2020). Em um outro, os autores relataram ter feito um estudo inovador preliminar e exploratório com avaliação pré e pós-intervenção (Zielona-Jenek et al., 2019) e, por fim, um estudo comparativo com grupo experimental e de controle (Kirk, 2015). Além disso, identificou-se um estudo misto que caracterizou seu desenho como estudo de caso interpretativo e misto, com avaliação pré e pós-teste (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021) e uma pesquisa explicativa com método misto (Cherian & Reshmy, 2023).

Tabela 3

Avaliação das Intervenções (continua...)

Autores	Desenho do estudo	Coleta de dados	Análise de dados	Resultados
Cardinal (2014)	Estudo qualitativo de caso descritivo.	Observação do processo criativo, entrevistas abertas e avaliação final das peças criadas.	Análise das narrativas e criações artísticas para identificar mudanças na autoconsciência e expressão emocional.	Aumento da autoconsciência e capacidade de reconhecer suas emoções em relação ao seu ambiente.
Cherian e Reshmy (2023)	Pesquisa explicativa com método misto.	Qualitativa: Entrevista estruturada e grupo focal. Quantitativa: Questionários.	Qualitativa: Análise temática. Quantitativa: Análise de variância (ANOVA).	Redução da ansiedade, estresse e depressão.
Destri (2014)	Estudo qualitativo exploratório, com análise narrativa e artística das produções do grupo.	Fotobiografias criadas pelas participantes, narrativas escritas e produções artísticas e observações das dinâmicas nas oficinas.	Codificação temática, análise das produções artísticas.	Ressignificação de experiências: Aumento do empoderamento e autoestima, fortalecimento emocional.
Giesbrecht et al. (2021)	Pesquisa longitudinal utilizando métodos mistos.	Qualitativo: Questionários. Qualitativo: Grupo Focal.	Qualitativa: Codificação temática e identificação dos impactos. Quantitativa: Análise correlacional entre as variáveis.	Redução significativas na ansiedade e depressão e fortalecimento pessoal e pós-traumático.
Kirk (2015)	Estudo comparativo com grupo experimental e controle.	Qualitativo: Método descritivo e as expressões verbais. Quantitativo: Sistema CORE-GA e CORE-OM.	Comparação de médias entre pré e pós-intervenção no grupo experimental e controle.	Redução significativa no sofrimento psicológico no grupo experimental em comparação ao grupo controle. Além de melhorias no bem-estar subjetivo, funcionalidade, e redução de sintomas de risco e problemas psicológicos.
Mondolfi Miguel e Pino-Juste (2021)	Estudo de caso interpretativo e misto, com pré e pós-teste.	Qualitativo: Registros observacionais e discussões de grupo. Quantitativo: Instrumentos psicométricos e escalas.	Qualitativa: Análise fenomenológica interpretativa de depoimentos das participantes e registros do facilitador. Quantitativa: Teste de Wilcoxon para comparar pré e pós-intervenção.	Redução dos sintomas de depressão e aumento do propósito de vida, com melhoria na percepção de significados e habilidades de comunicação.
Özkafacı e Eren (2020)	Quase-experimental (pré-pós, sem grupo controle).	Qualitativa: Relatórios qualitativos das sessões. Quantitativa: Escalas Beck.	Qualitativo: Método descritivo. Quantitativo: Teste Wilcoxon.	Redução do nível de depressão, ansiedade e desesperança.
Ron e Yanai (2021)	Pesquisa ação descritiva.	Qualitativa: Observação participante.	Análise de conteúdo.	Benefícios mulheres lidar com sentimentos de auto culpa, desamparo e falta de controle.

Tabela 3
Avaliação das Intervenções (continua...)

Autores	Desenho do estudo	Coleta de dados	Análise de dados	Resultados
Sabina et al. (2023)	Estudo misto com grupo de comparação pré-pós.	Qualitativa: Entrevista individual e grupo focal. Quantitativo: Questionários.	Comparação entre os grupos: Teste t e qui-quadrado. Qualitativa: Análise temática e dupla revisão. Quantitativa: Análise de variância (ANOVA).	Resultados qualitativos e quantitativos positivos, quanto aos impactos na autoestima, apoio social.
Skop et al. (2022)	Pesquisa participativa baseada na comunidade.	Entrevista semiestruturada e criação de desenhos.	Análise temática.	Conexões interpessoais, resgate de identidade e construção de resiliência.
Vela et al. (2016)	Estudo de caso único com design A-B.	Instrumentos: Escala de Esperança e Escala de Autoestima de Rosenberg.	<i>Percentage of Nonoverlapping Data</i> (PND) e análise visual das tendências observadas.	Eficácia para melhorar a autoestima e a esperança.
Wanting (2024)	Qualitativo baseado em análise de conteúdo.	Coleta dividida em dados primários e secundários (vídeos e comentários).	Codificação temática e análise do impacto dos comentários.	O <i>vlog</i> é uma intervenção eficaz para as mulheres expressarem suas emoções, encontrarem validação e receberem incentivo de espectadores que compartilham experiências semelhantes ou fornecem valor emocional.
Zielona-Jenek et al. (2019)	Estudo preliminar e exploratório, com avaliação pré e pós-intervenção.	Instrumentos como questionários e testes.	Qualitativo: Observação. Quantitativo: Teste estático e cálculo do efeito (Cohen's d)	Resultados positivos em sua maioria quanto à autoperccepção.

O conjunto de técnicas escolhidas para coleta de dados foi diferente para todas as pesquisas realizadas. Nesse sentido, nota-se que apenas um estudo buscou investigar a saúde, o apoio social, a resiliência e a autoestima dos participantes. Para isso, utilizou o Questionário de Saúde Geral (QSG), a Escala de Provisões Sociais (EPS), a Escala Breve de Resiliência (BRS) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR). Os autores ainda aplicaram um questionário capaz de medir a aceitação da violência no namoro, focando nos tipos de comportamento em um relacionamento (Sabina et al., 2023). Para análise de dados, eles utilizaram o ANOVA. Em um outro estudo, os autores escolheram aplicar as escalas Beck para avaliar nível de desesperança, ansiedade e depressão (Özkafacı & Eren, 2020). Nesse estudo buscou-se analisar os dados através do teste Wilcoxon para as comparações pré-teste e pós-teste do grupo.

O estudo de Kirk (2015), verificou a eficácia de um modelo multimodal de dramaterapia de curto prazo através dos instrumentos *Clinical Outcomes in Routine Evaluation* (CORE-GA), e do *Outcome Measure Form* (CORE-OM). O sistema também foi usado para medir o quanto as metas dos clientes foram alcançadas quando a terapia terminou.

Giesbrecht et al. (2021), utilizou a escala chamada *Composite Abuse Scale Revised-Short Form* (CASR-SF) para avaliar a exposição e a frequência de abusos nos últimos anos, o questionário chamado *Posttraumatic Stress Disorder* (PTSD) *checklist for DSM-5* (PCL-5), para investigar sintomas de estresse pós-traumático, a escala de depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D) para avaliar níveis de depressão e a *Generalized Anxiety Disorder* 7 (GAD-7) que tinha como objetivo investigar sintomas de ansiedade generalizada. Além disso, a *Personal Agency Scale* (PAS) avaliou a agência pessoal, enquanto a *Interpersonal Agency Scale* (IAS) tentou medir o nível de interação social, a Escala Breve de Resiliência (BRS) foi empregada para avaliar a resiliência, e o Inventário de Crescimento Pós-Traumático (PTGI), para checar mudanças positivas após o enfrentamento de situações traumáticas. Por

fim, o *Awareness of Connectedness Scale* (ACS) avaliou o nível de conexão das pessoas consigo mesmas, com a família, com a comunidade e com o meio ambiente e os autores fizeram uma adaptação da medida de Andrews e Withey (1976) do projeto de evidência de violência doméstica do Centro Nacional de Recursos sobre Violência Doméstica, para medir qualidade de vida (QV).

Ademais, o *Severity of PTSD Symptoms Scale* foi utilizado para avaliar sintomas de trauma e o *Quality of Life Survey sf-12 v1*, para medir qualidade de vida. O *Ambivalent Sexism Inventory* (ASI) visou checar componentes que envolviam o sexismo benevolente, hostil e ambivalente, o *Purpose in Life Test* (PIL) mensurou motivação e propósito de vida, o *Beck Depression Inventory II* foi usado para avaliar depressão, e a escala de autoestima de Rosenberg, para avaliar os sentimentos de autorrespeito e aceitação. Todos os instrumentos e as escalas foram adaptadas para o espanhol (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021). A Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21) serviu para avaliar os níveis de depressão, ansiedade e estresse das participantes (Cherian & Reshmy, 2023).

Por fim, com o intuito de avaliar a eficácia de um programa terapêutico para sobreviventes de VPI, em termos de melhorias na imagem corporal e na experiência corporal, o estudo de Zielona-Jenek et al. (2019) utilizou, como técnica de procedimento, o teste *Draw-a-Woman* para determinar as características das imagens do corpo feminino; o *Body-Self Questionnaire* (BSQ) para avaliar a imagem corporal; o *Affective Body Image* (ABI) para mensurar a atitude afetiva dos participantes em relação à imagem corporal; e o *Essen Trauma Inventory* (ETI) para avaliar eventos traumáticos e sintomas pós-traumáticos.

Apenas dois estudos se utilizaram a Escala Breve de Resiliência (BRS) para avaliar resiliência (Giesbrecht et al., 2021; Sabina et al., 2023), dois outros optaram por avaliar a autoestima através da escala de Rosenberg (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et

al., 2023) e a escala Beck esteve entre as escolhas para avaliar depressão em dois artigos (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkaracı & Eren, 2020).

Em termos de análise dos dados, dois utilizaram o teste de Wilcoxon para comparar pré e pós-intervenção (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkaracı & Eren, 2020), dois outros optaram pela ANOVA para comparar as medidas dos grupos (Cherian & Reshmy, 2023; Sabina et al., 2023), outro fez estudo correlacional entre as variáveis (Giesbrecht et al., 2021). O sistema CORE também foi usado na análise para fazer comparação de médias entre pré e pós-intervenção nos grupos experimental e controle (Kirk, 2015), e cálculo do efeito das intervenções (Zielona-Jenek et al., 2019).

Ao que se refere às técnicas e análises qualitativas dos estudos mistos, quatro fizeram grupo focais (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et al., 2023), três trabalhos utilizaram a observação enquanto técnica (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkaracı & Eren, 2020; Zielona-Jenek et al., 2019) e dois usaram entrevistas individual (Cherian & Reshmy, 2023; Sabina et al., 2023). Três artigos fizeram uso de análise temática (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Sabina et al., 2023), houve uma análise fenomenológica (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021) e uma análise descritiva (Özkaracı & Eren, 2020). O estudo de Zielona-Jenek et al. (2019) utilizou do cálculo do efeito (Cohen's d).

Todos os estudos apresentaram resultados positivos quanto ao efeito da intervenção artística na vida das participantes que passaram por VPI. Cinco artigos revelaram diminuição em pelo menos um dos sintomas de ansiedade, depressão e estresse (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkaracı & Eren, 2020; Ron & Yanai, 2021). Este último acrescentou que sentimento de culpa e autocensura também foram reduzidos. Mudanças nas questões psicológicas e emocionais, com melhora no controle emocional e expressão de emoções, ficaram evidente em mais cinco estudos como forma de

melhoria (Cardinal, 2014; Destri, 2014; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et al., 2023; Skop et al., 2022), além de organização dos pensamentos no trabalho de Kirk (2015).

Conexão interpessoal, melhoria nas habilidades de comunicação verbal e não verbal, esteve presente no resultado de duas pesquisas (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Skop et al., 2022). Assim como houve três resultados positivos para aumento da autoestima (Destri, 2014; Ron & Yanai, 2021; Sabina et al., 2023; Vela et al., 2016), dois para melhoria no apoio social (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et al., 2023), sentimentos de resiliência quanto à violência vivida (Giesbrecht et al., 2021; Skop et al., 2022) e crescimento pós-traumático (Cardinal, 2014; Giesbrecht et al., 2021; Destri, 2014). Houve igualmente uma melhora na agência pessoal (Giesbrecht et al., 2021), no empoderamento (Skop et al., 2022), na autopercepção corporal (Zielona-Jenek et al., 2019) e no sentimento de esperança (Vela et al., 2016).

Nota-se, ainda, que alguns estudos relataram mudanças significativas na relação das sobreviventes com o agressor, bem como a redução de estigmas relacionados à violência de gênero (Sabina et al., 2023; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021) e aumento habilidade de reconhecimento dos sinais de violência (Kirk, 2025). Algumas participantes destacaram que as intervenções contribuíram para o estabelecimento de limites e o afastamento do agressor, possibilitando, em alguns casos, o rompimento total da comunicação (Sabina et al., 2023). Além disso, os autores ainda ressaltam, houve relatos de melhora na capacidade de impor limites em relacionamentos atuais. Por outro lado, no estudo de Mondolfi Miguel e Pino-Juste (2021), o contato contínuo com o agressor foi apontado como um fator dificultador na redução dos transtornos traumáticos. Ainda assim, a intervenção contribuiu para ampliar a consciência sobre o ciclo da violência e o papel dos estereótipos sexistas na manutenção das desigualdades de gênero.

Discussão

O presente estudo objetivou identificar na literatura publicada trabalhos focados na intervenção em arte com mulheres que sofreram VPI, buscando um mapeamento acerca das intervenções implementadas e seus resultados. A principal evidencia dessa revisão é que as ferramentas artísticas, independentemente do tipo de recurso e método utilizado, apresentaram resultados positivos e favoráveis para a saúde mental da mulher que estava em sofrimento devido à violência praticada por seu parceiro íntimo.

Os diversos tipos de recursos artísticos utilizados ajudaram a visualizar a forma como as intervenções estão sendo vislumbradas, manejadas e ancoradas, ficando evidente que a arte nos contextos estudados se revelou como uma ferramenta plural, capaz de ativar a expressividade, a criatividade e a imaginação de seu público.

A exemplo disso, Cherian e Reshmy (2023) e Skop et al. (2022) apontaram que arte favoreceu a expressão de emoções positivas ou negativas de suas participantes. Ron e Yanai (2021) concluíram que o uso da inversão dos papéis, técnica utilizada no psicodrama, ajudou as mulheres a obterem *insights* sobre a experiência dos outros e a aprofundarem sua experiência emocional, de uma forma que lhes permitissem explorar e remodelar seus papéis de vida, criando assim um empoderamento pessoal através do uso da técnica. Estudos acrescentam que os resultados do trabalho com arte são promissores, porque a arte acessa campos da existência das mulheres que passaram por VPI que a terapia tradicional usualmente não é capaz de fazer de forma simples e espontânea (Binkley, 2013; Skop et al., 2022).

Özkafaci e Eren (2020) chegaram à conclusão de que a terapia artística ajudou as participantes a descobrirem suas experiências traumáticas, por meio da criação de obras de arte de marmoreio metafóricas e imaginativas, que mais tarde foram transformadas em expressões/narrativas. No que se refere ao trauma e à traumatização, resultados positivos indicaram potencial para os trabalhos com artes no processo de restauração de trauma e

promoção de cura de feridas emocionais (Giesbrecht et al., 2021; Özkafacı & Eren, 2020; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Zielona-Jenek et al., 2019). Esses achados promissores revelaram que os estudos foram capazes de abranger a complexidade dos efeitos psicofisiológicos que um trauma causa em seus sobreviventes, diminuindo sintomas de ansiedade, depressão e aumentando o nível de conscientização de si, relacionamento interpessoal e nível de resiliência.

Além disso, o apoio social foi um elemento essencial da intervenção que ajudou os participantes a sentirem-se ouvidos e acompanhados nas suas experiências de violência, ajudando a aumentar a autoconfiança e a dar-lhes forças para superar a situação de conflito (Sabina et al., 2023; Wanting, 2024). A conexão entre as mulheres participantes do grupo ainda permitiu que elas ganhassem um senso de comunalidade (Skop et al., 2022). Para os autores, a arte, em um contexto de grupo, pode “fornecer componente relacional para a cura transformadora, e que os processos criativos e verbais juntos podem promover a autoexpressão, o crescimento interno e interpessoal, o aumento da confiança e o desenvolvimento de habilidades nas vítimas” (p. 166).

Parte dos estudos que buscaram avaliar a eficácia das intervenções, com o uso das artes manuais, visuais e o teatro, utilizaram diferentes técnicas de intervenção (Giesbrecht et al., 2021; Kirk, 2015; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Zielona-Jenek et al., 2019). No que se refere ao design de grupo comparativo pré-pós, com a utilização de grupo controle, a utilização do drama e da música como ferramentas obteve resultados mais expressivos do que o grupo que não recebeu essa intervenção (Kirk, 2015). A autora mediou a qualidade da saúde mental das participantes, revelando as melhorias observadas ao uso da intervenção. Estes resultados são consistentes com achados de uma revisão sistemática no campo da prevenção da VPI, que apontou o teatro como ferramenta eficaz para trabalhar em cenários culturalmente diversos, bem como com grupos minoritários (Heard et al., 2017).

Por outro lado, os achados da presente revisão sugerem limitações dos estudos que buscaram validar a eficácia da intervenção, uma vez que apenas um estudo apresentou grupo controle (Kirk, 2015). Para Özkafacı e Eren (2020), a falta de grupo controle nos estudos pode ter limitado as conclusões sobre os efeitos da intervenção, visto não ter com o que compará-la. Sabina et al. (2023) ressaltaram o pequeno tamanho de sua amostra, o que dificultou a construção de um grupo controle e, por último, Mondolfi Miguel e Pino-Jueste (2021) salientaram que a falta do grupo controle afetou a mensuração da influência de outras variáveis externas ao programa que podem afetar a melhora ou piora do mal-estar psicológico. Todos os outros justificaram a necessidade de estudos que pudessem replicar seus resultados e avaliar melhor as nuances da arte nos contextos analisados.

Apesar dos resultados positivos encontrados, este estudo de revisão destaca a escassez de literatura acerca do tema das intervenções em artes e das mulheres que sobreviveram a VPI. Foram identificadas apenas 13 pesquisas que contemplaram os critérios desejados, com evidências amplamente exploratórias e limitadas pelo pequeno tamanho da amostra. Nota-se que, em um período de dez anos, praticamente um estudo foi publicado por ano, como alcance geográfico restrito.

No campo da implementação, os achados foram praticamente inexistentes (Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021). As pesquisas estavam focadas nos resultados ou na validação da eficácia das intervenções e não na forma como elas foram implementadas. O estudo da implementação coloca em destaque “o plano operacional da intervenção, observando as interações entre a intervenção e o contexto de implantação na produção dos efeitos” (Strelow, 2026, p. 37). Tal avaliação tem sido altamente valorizada em estudos de intervenção, pois a implementação influencia positivamente a qualidade dos resultados de uma intervenção (Santos & Murta, 2015).

Considerações Finais

As evidências desse estudo apontam para o potencial das artes no contexto de cuidado e de cura das dores psíquicas da mulher que sofreu violência por parceiro íntimo (VPI). No entanto, são recomendados estudos futuros para que se obtenha conhecimento mais aprofundado acerca do tema e para que possamos entender melhor o verdadeiro potencial dessas intervenções.

Esta revisão identificou apenas 13 intervenções que utilizaram uma diversidade de estratégias e abordagens para revelar a qualidade dos resultados. Embora a escassez da literatura dificulta a determinação da eficácia geral da intervenção artísticas, notamos que as descobertas revelaram uma natureza sensível, interativa e participativa, sendo capaz de gerar mudanças benéficas naquelas que participam dessas intervenções. A exemplo disso, os resultados revelaram impactos significativos frente a redução de sintomas psicológicos (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkarfacı & Eren, 2020; Ron & Yanai, 2021) e cognitivos (Kirk, 2015). Além de refletir positivamente na conexão interpessoal (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Skop et al., 2022), apoio social (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et al., 2023) e agência pessoal (Giesbrecht et al., 2021). Aspectos relacionados a melhorias comportamentais e emocionais também obtiveram destaque (Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Zielona-Jenek et al., 2019).

O uso das artes também se revelou como uma ferramenta bastante valiosa para mobilizar autores na comunidade, ser versátil e apresentar forte relevância cultural, como foi o caso do estudo realizado por Giesbrecht et al. (2021), que buscou investigar a eficácia de uma intervenção artística e cultural sobre traumas e violência para apoiar mulheres indígenas que sofreram VPI. A proposta manteve parcerias com autores locais e adentrou na realidade cultural indígena das participantes, revelando resultados favoráveis por unir elementos chaves da

realidade cultural vivenciadas pelas participantes com a proposta interventiva artística desejada. Daveis e Pescud (2020), revelam que o uso de parcerias locais ajuda a proporcionar aumento da confiança do público, a desenvolver relacionamento de confiança e senso de pertencimento e baixo custo para participação e acesso.

Sugere-se que estudos futuros integrem tanto a avaliação dos resultados quanto a análise do processo de implementação das intervenções. O número reduzido de pesquisas disponíveis limita a identificação de padrões ou tendências consistentes no uso de intervenções baseadas em arte com mulheres que sofreram VPI. Além disso, os estudos analisados representam apenas uma fração da produção científica existente, uma vez que a busca foi restrita a publicações em idiomas específicos. Observa-se também que a maioria dos artigos encontrados foram conduzidos em países desenvolvidos, sendo que apenas um estudo foi realizado na América do Sul. Diante disso, torna-se relevante fomentar a realização de investigações que explorem a arte como ferramenta interventiva em contextos de maior vulnerabilidade social, especialmente em países emergentes do Sul Global, marcados por históricos de colonialismo, neocolonialismo e profundas desigualdades sociais e econômicas.

Ademais, os impactos positivos das intervenções artísticas junto a mulheres vítimas de VPI indicam a importância de se investigar seus desdobramentos tanto em nível individual quanto coletivo, abrangendo grupos e comunidades. Recomenda-se, ainda, a inclusão de múltiplos informantes nesses estudos, como mães, filhos e demais integrantes do contexto social das participantes, a fim de ampliar a compreensão sobre os efeitos dessas intervenções.

Referências

- Allary, C., Harper, A. O., Thompson, S., & Mallory-Hill, S. (2023). Investing in saving lives: Designing second-stage women's shelters on first nation reserves. *Canadian Journal*

of Nonprofit and Social Economy Research, 14(S1), 27–44.

<https://doi.org/10.29173/cjnsr557>

Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: Towards a methodological framework.

International Journal of Social Research Methodology, 8(1), 19–32.

<https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>

Beer, L. E., & Kwoun, S. (2024). Trauma-informed music therapy with adult survivors of

intimate partner violence and sexual assault: A scoping review. *The Arts in*

Psychotherapy, 87 (102120), 1–8. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2024.102120>

Binkley, E. (2013). Creative strategies for treating victims of domestic violence. *Journal of*

Creativity in Mental Health, 8, 305–313.

<https://doi.org/10.1080/15401383.2013.821932>

Bird, J. (2018). Art therapy, arts-based research and transitional stories of domestic violence

and abuse. *International Journal of Art Therapy, 23*(1), 14–24.

<https://doi.org/10.1080/17454832.2017.1317004>

Brasil. (2006). *Lei n º 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a*

violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Presidência da República.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

Cardinal, K. (2014). The personality tea pot: The effects and future application in art therapy.

Canadian Art Therapy Association Journal, 27(2), 13–30.

<https://doi.org/10.1080/08322473.2014.11415596>

Champagne, F., Brousselle, A., Hartz, Z., Contandriopoulos, A. P., & Denis, J. L. (2011). A

análise da implantação. In A. Brousselle, F. Champagne, A.P. Contandriopoulos & Z.

Hartz (Orgs.), *Avaliação: Conceitos e métodos* (pp. 61–74). Fiocruz.

Cherian, M. R., & Reshmy N. Y. A. (2023). Body, visual arts and healing: A study of the

effectiveness of facilitative visual arts interventions with women survivors of intimate

partner violence in Kerala. *Critical and Radical Social Work*, 12(3), 1–16.

<https://doi.org/10.1332/204986021X16844918105641>

Curia, B. G., Golçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., & Habigzang, L. (2020). Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40(e189184), 1–19.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703003189184>

Davies, C., & Pescud, M. (2020). *The arts and creative industries in health promotion: An evidence check rapid review brokered*. The Victorian Health Promotion Foundation.

Destri, M. L. (2014). Proyecto enfocadas: Una experiencia grupal realizada con mujeres que sufrieron en el pasado violencia por parte de sus parejas, utilizando la fotografía y la narración como herramienta terapéutica. *Arteterapia: Papeles de Arteterapia y Educación Artística para la Inclusión Social*, 9, 225–246.

http://dx.doi.org/10.5209/rev_ARTE.2014.v9.47493

Duran, S., & Tepehan, S. (2019). Violence against women: Affecting factors and coping methods for women. *Journal of Pakistan Medical Association*, 69(1), 53–57.

<https://doi.org/10.47391/JPMA.25-17>

Fancourt, D., & Finn, S. (2019). *What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review*. Health Evidence Network, World Health Organization.

Gascón, M. R. P., Mendes, L. V., & Bittencourt, S. (2024). Violência doméstica: Por que a vítima permanece com o agressor? *Revista da Faculdade Paulo Picanço*, 4(3), 1–39.

<https://doi.org/10.59483/rfpp.v4n3116>

Giesbrecht, C. J., Jamshidi, L., LaVallie, C., Sasakamoose, J., & Carleton, R. N. (2022). Assessing the efficacy of a cultural and artistic intervention for indigenous women

who have experienced intimate partner violence. *Violence Against Women (VAW)*, 28(14) 3375–3399. <https://doi.org/10.1177/10778012211058220>

Goldner, L., & Frid, L. (2022). Fragmentation of the self: Characteristics of sexual assault and implications in self-drawing. *The Arts in Psychotherapy*, (77), 1–9.
<https://doi.org/10.1016/j.aip.2021.101877>

Gomes, N. P., Carneiro, J. B., Almeida L. C. G., Costa, D. S. G., Campos, L. M., Virgens, I. R., & Webler, N. (2022). Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: Desvelando o cotidiano conjugal. *Cogitare Enfermagem*, 27(e78904), 1–10.
<https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.78904>

Heard, E., Mutch, A., & Fitzgerald, L. (2017). Using applied theater in primary, secondary, and tertiary prevention of intimate partner violence: A systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(1), 138–156. <https://doi.org/10.1177/1524838017750157>

Kirk, J. C. (2015). Dramatherapy with women survivors of domestic abuse: A small scale research study. *Dramatherapy*, 37(1), 28–43.

<https://doi.org/10.1080/02630672.2015.1101480>

Leite, F. M. C., Luis, M. A., Amorim, M. H. C., Maciel, E. L. N., & Gigante, D. P. (2019). Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: Estudo com usuárias de atenção primária. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 22(e190056), 1–14. <https://doi.org/10.1590/1980-549720190056>

Lourenço, L. M., & Costa, D. P. (2020). Violência entre parceiros íntimos e as implicações para a saúde da mulher. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1–18.

<https://doi.org/10.36298/gerais2020130109>

Micklitz, H. M., Glass, C. M., Bengel, J., & Sander, L. B. (2024). Efficacy of psychosocial interventions for survivors of intimate partner violence: a A systematic review and

meta-analysis. *Review Manuscrip*, 25(2), 1000–1017.

<https://doi.org/10.1177/15248380231169481>

Mondolfi Miguel, M. L., & Pino-Juste, M. (2021). Therapeutic achievements of a program based on drama therapy, the theater of the oppressed, and psychodrama with women victims of intimate partner violence. *Violence Against Women*, 27(9), 1273–1296.

<https://doi.org/10.1177/1077801220920381>

Murray, C. E., Spencer, K. M., Stickl, J., & Crowe, A. (2017). See the triumph healing arts workshops for survivors of intimate partner violence and sexual assault. *Journal of Creativity in Mental Health*, 12(2), 192–202.

<https://doi.org/10.1080/15401383.2016.1238791>

OMS. Organização Mundial da Saúde. (2013). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência*. OMS.

OMS. Organização Mundial de Saúde. (2012). *World report on violence and health*. OMS.

Özkafacı, A. A., & Eren, N. (2020). Effect of art psychotherapy using marbling art on depression, anxiety, and hopelessness in female survivors of domestic violence with PTSD. *The Arts in Psychotherapy*, 71,101703, 1–11.

<https://doi.org/doi.org/10.1016/j.aip.2020.101703>

Ron, Y., & Yanai, L. (2021). Empowering through psychodrama: A qualitative study at domestic violence shelters. *Frontiers in Psychology*, 12(0600335), 1–11.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.600335>

Sabina, C., Perez-Figueroa D., Reyes, L., Medina E. C., Pereira Souza, P. E., Markovits L., Jacho, A. C. O., & Bohorquez, G. K. R. (2023). Evaluation of integrative community therapy with domestic violence survivors in Quito, Ecuador. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(8), 1–17.

<https://doi.org/10.3390/ijerph20085492>

- Santos, K. B., & Murta, S. G. (2015). A implementação de programas de promoção e prevenção no âmbito da saúde mental. In S. G. Murta, C. Leandro-França, K. B. Santos & L. Polejack (Orgs.), *Prevenção e promoção em saúde mental: Fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção* (pp. 192–211). Sinopsys.
- Santos, W. J. (2018). *Redes sociais na experiência de mulheres em situação de violência perpetrada por parceiro íntimo* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais].
- https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6333312
- Skop, M., Darewych, O. H., Rott, J., & Mason, J. (2022). Exploring intimate partner violence survivors' experiences with group art therapy. *International Journal of Art Therapy*, 27(4), 159–168. <https://doi.org/10.1080/17454832.2022.2124298>
- Strelow, M. (2016). *Avaliação da implementação de programa preventivo e saúde mental através da aceitabilidade de crianças participantes* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173043>
- Tan, M., O'Doherty L., Gilchrist, G., Taft A., Feder G., Tirado Muñoz J., Chondros, P., Sadowski L., & Hegarty. K. (2022). Psychological therapies for women who experience intimate partner violence. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 5(CD013017), 1–21. <https://doi.org/10.1002/14651858.CD013017>
- UNODC. United Nations Office on Drugs and Crime. (2024). *Femicides in 2023: Global estimates of intimate partner/family member femicides*. UNODC.
- <https://www.unwomen.org/sites/default/files/2024-11/femicides-in-2023-global-estimates-of-intimate-partner-family-member-femicides-en.pdf>

Vela, J. C., Ikonomopoulos, J., Dell'Aquila, J., & Vela, P. (2016). Evaluating the impact of creative journal arts therapy for survivors of intimate partner violence. *Counseling Outcome Research and Evaluation*, 7(2), 86–98.

<https://doi.org/10.1177/2150137816664781>

Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: O que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(e200033), 1–5. <https://doi.org/1590/1980-549720200033>

Wanting, L. (2024). Addressing intimate partner violence: Using vlogging for art therapy. *Academic Journal of Humanities & Social Sciences*, 7(7), 96–102.

<https://doi.org/10.25236/AJHSS.2024.070714>

Westphaln, K. K., Regoeczi, W., Masotya, M., Vazquez-Westphaln, B., Lounsbury, K., McDavid, L., Lee, H., Johnson, J., & Ronis, S. D. (2021). From Arksey and O'Malley and beyond: Customizations to enhance a team-based, mixed approach to scoping review methodology. *MethodsX*, 8, 101375.

<https://doi.org/10.1016/j.mex.2021.101375>

Zielona-Jenek, M., Sakson-Obada, O., & Czapczyńska, A. (2019). Restoring the body: Changes in body self in the course of a focusing and arts-based therapy program for female interpersonal trauma survivors. *Current Issues in Personality Psychology*, 7(4), 324–340. <https://doi.org/10.5114/cipp.2019.92958>

Capítulo 2: Tecendo a Vida: Percepção de Mulheres que Vivenciaram Violência por Parceiros Íntimos sobre suas Experiências em um Grupo de Crochê

Resumo

A prevalência de casos de violência por parceiro íntimo (VPI) apresentou um crescimento acentuado em 2024, verificado no aumento do número de denúncias, revelando que mais de 20 mil mulheres no Distrito Federal tiveram seus direitos violados. Pesquisas refletem sobre o trabalho das intervenções baseadas em artes como ferramentas de cuidado e promoção de saúde voltadas ao público-alvo. Este estudo teve como objetivo descrever a experiência de mulheres que sofreram VPI em um grupo artístico de crochê, além de examinar as contribuições que essa participação pode ter trazido para suas vidas em um contexto comunitário. Foi realizada uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, utilizando observação participante e entrevistas semiestruturadas com 12 mulheres. As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio do método de análise temática. A partir dos relatos das participantes, duas categorias principais emergiram: a percepção das participantes sobre o grupo e sobre a prática artística, e as contribuições do grupo em suas vidas. Os resultados indicam que o envolvimento no grupo artístico de crochê teve efeitos positivos na vida das participantes durante o processo grupal, favorecendo o bem-estar, o orgulho pessoal pela produção das peças, a conexão entre os pares, o apoio mútuo e a ampliação da consciência. Nesse sentido, a prática artística em grupo contribuiu para mudanças significativas na realidade das mulheres atendidas.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, mulheres, arte, estudo de intervenção, terapia de grupo.

Abstract

The prevalence of intimate partner violence (IPV) cases shows a sharp increase in the number of reports in 2024, revealing that more than 20,000 women in the Federal District had their rights violated. Research has examined the use of arts-based interventions as a tool for care and health promotion among the target audience. Accordingly, this study aimed to describe the experiences of women who suffered IPV within an artistic crochet group and to examine the contributions it may have made to their lives in a community context. An exploratory, qualitative study was conducted through semi-structured interviews with 12 women. The transcribed interviews were analyzed using thematic analysis. Based on the victims' experiences, two main categories emerged, revealing: the participants' perceptions of the group and the art, and the group's contributions to their lives. The research provided evidence that participation in the artistic crochet group had a positive impact on the participants' lives during the group process, fostering well-being, self-pride through the creation of artistic pieces, peer connection, mutual support, and increased awareness. In this sense, the use of art in group settings brought about significant changes in the reality of the studied population.

Keywords: intimate partner violence, women, art, intervention study, group therapy.

Introdução

No Brasil, a violência contra a mulher tem sido discutida há algumas décadas. No entanto, foi com a promulgação da Lei Maria da Penha (LMP) (Lei nº. 11.340/2006) que a coibição da violência doméstica se tornou mais concreta, deixando de ser tratada como delito de menor potencial ofensivo para ser definida e tipificada como crime, com previsão de pena privativa de liberdade (Brasil, 2006). Essa mudança foi amplamente disseminada em todo o país. A partir da LMP, a violência doméstica deixou de se restringir ao âmbito íntimo intrafamiliar e passou a ser uma responsabilidade do Estado (Meneguel & Portela, 2017).

Apesar da criação da LMP, a prevalência de casos de violência por parceiros íntimos (VPI) continuou crescendo ao longo dos anos. Seja aumento nas notificações ou aumento na violência em si, trata-se de um panorama preocupante. Em 2024, cerca de 21,4 milhões de mulheres foram vítimas de abusos praticados por seus companheiros em todo o território nacional (Datafolha, 2025). Isso significa que 37,5% das mulheres brasileiras sofreram algum tipo de violência nesse ano, indicando que as medidas e ações implementadas para seu combate ainda têm sido insuficientes para mitigar esses números.

De acordo com a *10ª Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher*, realizada pelo Instituto DataSenado (2024) em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência e divulgada em fevereiro de 2024, os estados brasileiros com os maiores índices de mulheres que declararam ter sofrido violência doméstica ou familiar provocada por homens foram: Rio de Janeiro, Rondônia e Amazonas. O Distrito Federal se destacou, apresentando uma percepção elevada sobre o aumento da VPI: 84% das mulheres entrevistadas no DF acreditam que a violência doméstica aumentou nos últimos tempos, o maior percentual entre todas as unidades federativas. Elas ainda revelaram descrédito quanto à legislação, indicando falta de confiança na eficácia da LPM.

Além disso, dados do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) indicam crescimento significativo nas denúncias de violência doméstica no DF. Em 2024, houve um aumento de 21,3% em relação a 2023, passando de 5.995 para 7.273 registros. Os números refletem a gravidade da situação e revelam que mais de 20 mil mulheres na capital do país tiveram seus direitos violados. Dentre as regiões administrativas do DF que mais chamam a atenção, Samambaia é a terceira colocada em termos de índices de ocorrências, registrando um crescimento de 5% no período de 2023 a 2024 (Governo do Distrito Federal, 2025).

Centros Comunitários como Estratégia de Cuidado

Desde 2003, ações voltadas para o enfrentamento da violência doméstica têm ganhado destaque nos diferentes níveis de atenção à saúde – primária, secundária e terciária – em todo o país; a Lei nº. 10.778/2003 (Brasil, 2003), o documento Brasil (2009) e a Lei nº. 12.845/2013 (Brasil, 2013). Nessa abordagem, destacam-se os centros comunitários, criados com o objetivo de oferecer uma variedade de serviços e iniciativas voltados ao atendimento e acolhimento da população.

Os centros comunitários são estruturas polivalentes, nos quais são desenvolvidos diversos tipos de serviços e atividades que se articulam, buscando constituir um polo de animação que visa à prevenção de problemas sociais e à definição de um projeto de desenvolvimento local e coletivo, servindo como ponto de partida e como uma importante ferramenta para a articulação da comunidade (Bonfim et al., 2020). Em síntese, trata-se de um espaço diverso, voltado para ações em grupo e para o fortalecimento dos vínculos sociais, garantindo que a comunidade tenha acesso às oportunidades de crescimento social e ajudando a reduzir a exclusão social.

Seu principal papel é oferecer um espaço de integração social sem discriminações ou distinções, promovendo o desenvolvimento de novas maneiras de conviver, acessar informações, motivar-se, adquirir conhecimento, receber apoio e afeto, além de estimular a

responsabilidade e a ação coletiva. É a partir das demandas reais da população que esse espaço se estrutura, buscando responder de forma concreta aos desafios enfrentados pela comunidade e fortalecendo os laços de solidariedade (Bonfim et al., 2020).

Conforme diretrizes da Direção Geral da Ação Social (DGAS), em documento publicado em Lisboa no ano 2000, para que um centro comunitário funcione de maneira eficiente, é essencial considerar três aspectos centrais: proximidade, flexibilidade e participação (Bonfim et al., 2000). A proximidade diz respeito à localização do centro, que deve estar inserido no território da comunidade, garantindo fácil acesso e conexão com a realidade local. Isso reforça a importância da dimensão territorial na definição das ações desenvolvidas. A flexibilidade refere-se à capacidade do centro de adaptar suas atividades e serviços de forma dinâmica, respondendo às mudanças constantes da realidade social e às novas demandas que surgem. Já a participação envolve o envolvimento ativo da população, incentivando o diálogo e a colaboração com o objetivo de compreender os problemas vivenciados e buscar, em conjunto, soluções eficazes.

Nessa perspectiva, um centro comunitário requer estratégias diferenciadas e supõe instrumentos de cuidados e uma multiplicidade de ações, que abrangem as diversas dimensões acima destacadas. Dentre as estratégias desenvolvidas, destacam-se as oficiais. Este tipo de dispositivo é uma atividade organizada com grupos, que gira em torno de um tema central escolhido para ser explorado coletivamente em seu contexto social. Seu objetivo vai além de uma simples reflexão, buscando envolver os participantes de forma completa, estimulando diferentes formas de pensar, sentir e agir (Afonso, 2018).

Percebe-se que as oficinas de expressão artística vêm sendo amplamente empregadas como estratégia de cuidado direcionada nos serviços assistenciais, como os centros comunitários e demais serviços substitutivos, com destaque para as atividades como artesanato, pintura, artes plásticas, literatura e música (Luzio et al., 2009). Mancebo (2018) afirma que a

criatividade presente em uma oficina criativa proporciona abertura para o encontro do homem consigo mesmo e com sua própria vida. Por meio da linguagem expressiva, surgem possibilidades de autocompreensão e vivências dessas descobertas por meio da prática de processos criativos.

No contexto do artesanato, o crochê é uma técnica que remete a uma ancestralidade rica, fruto de um intercâmbio cultural expressivo, e que contribui para a ressignificação da moda ao integrá-la a uma abordagem sustentável e ética. Além de impulsionar a inovação e viabilizar a inserção de produtos únicos e diferenciados no mercado consumidor (Cavalcante, 2023), ele atiça a criatividade e é capaz de resgatar dimensões de sustentabilidade, pois trabalha com tradições locais ao mesmo tempo em que incluem, na ancestralidade cultural, elementos da sociedade contemporânea (Lemos & Pereira, 2020).

Em um estudo realizado com mulheres integrantes de um grupo de artesanato no Paraná, pesquisadores destacaram a relevância das práticas artesanais em um contexto coletivo (Scardoelli & Waidman, 2011). Durante os encontros, além de se dedicarem ao artesanato, as participantes aproveitavam o espaço para compartilhar experiências pessoais e refletir sobre suas vivências. Muitas delas percebiam essas atividades como momentos terapêuticos, marcados pelo apoio mútuo, alívio emocional, acolhimento afetivo, concentração no fazer manual e, principalmente, como uma forma de cuidado com a saúde mental. Tendo em vista tal resultado, Lancetti (1993) aponta para a importância de se olhar para os grupos com atividades manuais para além do fazer técnico e da reintegração social, enfatizando a necessidade de considerar os desdobramentos gerados na realização do trabalho e a produção subjetiva aí produzida.

Grupos Operativos

Segundo Hoepers e Tomanik (2020), os grupos “são dispositivos que podem contribuir para a criação de novos modos de relacionamentos, a partir dos quais sentidos novos poderão

ser construídos sobre os mais diversos aspectos que compõem a vida de seus membros” (p. 02).

Nesse sentido, optamos por olhar para a oficina como um grupo operativo para embasar a proposta de criação de um grupo que pretende amparar o público feminino que passou por VPI e que estava em vulnerabilidade ou passava por situações complexas de conflito.

Nesse viés, encontramos em Enrique Pichon-Rivière, psicanalista nascido em Genebra, na Suíça, e radicado na Argentina, uma importante base teórica para compreender o que constitui um grupo e como se dá o manejo do grupo operativo. Criada em 1946, esse conceito se baseia nas relações vinculares e na internalização dos objetos com os quais o sujeito se relaciona. Trata-se de um dispositivo de grupo que apresenta foco de trabalho em uma tarefa, diferenciando-se de outras modalidades psicoterapêuticas. Ainda que a função principal do “grupo operativo não seja terapêutica, seria equivocado dizer que ele não pode assumir esse caráter” (Silva et al., 2021, p. 328), uma vez que esse tipo de grupo é um método investigativo e um instrumento que exerce função terapêutica no momento em que a tarefa é alcançada (Fiscmann, 1997).

O conceito de tarefa, para Pichon-Rivière (2009), assume conotação distinta daquela que se costuma empregar no senso comum. Para o autor, a tarefa é compreendida como a integração entre pensar, agir e sentir, e não como uma ação mecanizada e repetitiva. Nesse sentido, ele considera haver um movimento espiralado do conhecimento, marcado pela constante elaboração psíquica das ansiedades e angústias que emergem no contexto grupal, evitando recair em condutas estereotipadas que segregam a ação dos seus aspectos subjetivos. Ele enfatiza que o produto final ocupa uma posição secundária, sendo atribuída maior relevância ao processo vivido durante o intercâmbio de experiências. Nesse contexto, o grupo operativo se configura como um lugar de encontro intencionalmente voltado para a realização de uma tarefa coletiva, cujo desenvolvimento favorece a formação de vínculos entre os membros e a articulação com as dimensões implícitas do fazer grupal, proporcionando, assim,

a horizontalidade nas relações, as conexões com outros espaços coletivos e a criação de ritmos compartilhados.

Arte para Mulheres Vítimas de VPI

As práticas artísticas, vivenciadas em contextos individuais e grupais, carregam um forte potencial transformador, sendo capazes de despertar experiências sensoriais, estéticas e imaginativas tanto em quem cria quanto em quem observa. Por meio delas, emergem conteúdos subjetivos que frequentemente ultrapassam limites pessoais e culturais. Uma das principais facetas das intervenções artísticas participativas é a capacidade de promover bem-estar, fortalecer a identidade, estimular a conexão interpessoal e ampliar o senso de pertencimento gerando, assim, um impacto positivo nas comunidades em geral (White & Robson, 2011, citado por Davies & Pescud, 2020). Nesse sentido, a arte se torna uma ferramenta poderosa para ressignificar percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos, contribuindo para a elaboração de dores, medos e angústias (Fancourt & Finn, 2019).

Assim, as intervenções baseadas em arte se revelam como importantes ferramentas facilitadoras de cura, funcionando como um canal potente para que as mulheres vítimas de seus parceiros possam expressar suas dores de forma mais abstrata e criativa (Neves et al., 2025). Com base no potencial de impacto positivo das intervenções artísticas na vida das mulheres sobreviventes de VPI, estudos internacionais acerca do tema apontam resultados cada vez mais promissores, revelando alto potencial de cura, transformação e mudança na vida desse público (Bird, 2018; Cardinal, 2014; Destri, 2014; Giesbrecht et al., 2021; Kirk, 2015; Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021; Murray et al., 2017; Özkafacı & Eren, 2020; Sabina et al., 2023; Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Wanting, 2024; Zielona-Jenek et al., 2019). No Brasil, segundo revisão de escopo realizada por Neves et al. (2025), os achados acerca do tema ainda são inexistentes quando se trata de intervenções artísticas em grupos no contexto da VPI.

Mesmo assim, fica evidente que a arte pode ser um importante aliado para a promoção e prevenção da saúde e para a redução dos efeitos negativos vividos por pessoas em sofrimento mental (Davies & Pescud, 2020; Fancourt & Finn, 2019; Özkaracı & Eren, 2020; Sabina et al., 2023; Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Wanting, 2024; Willrich et al., 2018; Zielona-Jenek et al., 2019), proporcionando mudanças nos campos físico e afetivo. Chiang et al. (2019), em uma pesquisa realizada em oficina terapêutica com mulheres que apresentavam transtornos mentais, utilizaram o bordado como instrumento de fortalecimento dos afetos e dos relacionamentos interpessoais, corroborando esses achados e ressaltando que a oficina contribuiu para a melhoria do equilíbrio emocional e representou um espaço nutritivo, “fértil para transformações na vida das participantes, com possibilidade de crescimento individual” (p. 06), além de contribuir para mudanças emocionais e comportamentais (Silva et al., 2022). Dessa forma, os estudos apresentam a arte como ferramenta intervenciva com alto potencial terapêutico, capaz de proporcionar crescimento, autodescoberta e cura de traumas (Skop et al., 2022).

Tendo como cenário a oficina de crochê como campo de estudo, acredita-se que a arte de fazer crochê vivenciada em grupo constitui uma teia relacional profunda e complexa, destacando-se por sua potencialidade, poder de transformação, criação e construção de vínculos. Segundo pesquisa realizada por Cavalcante (2023) em um grupo de mulheres idosas que praticaram a técnica, o crochê ajudou a ampliar os afetos entre as participantes e facilitou o contato com suas emoções, além de proporcionar o diálogo intergeracional, aproximando membros de seus núcleos familiares. A literatura especializada enfatiza que o crochê, devido a seus padrões de construção, pode estimular a concentração, o raciocínio e o pensamento lógico, pois requer foco e disciplina (Silva, 2015, citado por Cavalcante, 2023), funcionando, em muitas situações, também como uma terapia (Corkhill, 2017).

Ainda que existam estudos prévios que utilizaram a arte para a promoção do bem-estar de mulheres vítimas de violência (Murray et al., 2017; Skop et al., 2022) e um relato de uso do bordado na promoção da saúde mental de mulheres em um Centro de Referência Psicossocial (Silva et al., 2022), os trabalhos direcionados à relevância do crochê para a saúde mental são praticamente inexistentes (Cavalcante, 2023; Corkhill, 2017; Lemos & Pereira, 2020). Até o momento, não foram encontrados estudos que abordem especificamente a relação entre crochê, grupos operativos e comunidades.

Dessa forma, levando em consideração os aspectos positivos que um grupo de mulheres pode gerar na vida de uma pessoa, bem como na capacidade de autorregulação e autogerenciamento que habita em cada ser, acredita-se que as atividades artísticas ministradas em oficinas criativas de artes com mulheres que sofreram VPI podem funcionar como potencializadoras de saúde, promotoras de subjetividades, podendo ainda contribuir para a promoção de cuidado e qualidade de vida (Goldner & Frid, 2022).

Tendo em vista a necessidade de aproximação ao público-alvo feminino e a importância da prática coletiva em oficinas artísticas, este estudo propõe dar visibilidade às experiências de mulheres que sofreram violência por seus parceiros ao longo de suas trajetórias grupais. Para isso, objetiva-se descrever suas vivências em um grupo artístico de crochê e examinar as contribuições desta experiência percebidas por elas em suas vidas.

Método

Desenho da Pesquisa

Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a temática das oficinas criativas e da arte como intervenção, utilizando como referencial teórico o conceito de grupos operativos de Pichon-Rivière e outros autores que dialogam sobre o tema. A epistemologia qualitativa busca compreender a

subjetividade como parte fundamental da cultura, reconhecendo-a como um aspecto intrínseco das relações humanas (Pinto & Paula, 2018).

Contexto

A pesquisa foi realizada no Galpão do Riso, em Samambaia (DF), um centro comunitário que surgiu em 2003, por meio dos esforços de artistas locais, com o objetivo de desenvolver atividades socioculturais, educativas e de formação artística. O espaço oferece oficinas nas linguagens do teatro, do circo, da cultura popular e do artesanato. Além das atividades artísticas, há também atividades socioeducativas, abordando temas relevantes ao meio ambiente, como conscientização para a separação do lixo doméstico, reciclagem e compostagem orgânica, além de grupos de capoeira, coral e, eventualmente, atividades culturais temporárias, como ensaios, palestras, cursos e outros.

Durante sua trajetória, o espaço recebeu espetáculos de artistas locais, nacionais e internacionais das mais variadas linguagens, o que tem tornado o ambiente cada vez mais rico e multicultural. Além disso, o local busca se consolidar em Samambaia como um espaço de formação de plateia, visando estimular o público a frequentar o teatro e a compreender o processo de criação de espetáculos, desde os batedores até a coreografia e as apresentações.

Vale ressaltar que os membros responsáveis pelas atividades no Galpão buscam ensinar, pesquisar e difundir projetos junto à comunidade local, o que levou ao seu reconhecimento como polo cultural pelo Ministério da Cultura em 2010. As oficinas, espetáculos e atividades formativas são realizadas de forma constante e acontecem semanalmente (Martins, 2021).

Este estudo foi realizado no projeto *PriMaverando Margaridas: Arte-empoderamento e empreendimento feminino* que ocorre na unidade do Galpão e tem como objetivo ensinar, empoderar e fortalecer mulheres que passaram por algum tipo de violência em seus relacionamentos amorosos, por meio de atividades gratuitas de capacitação, como o crochê. O programa foi lançado em 1º de abril de 2023 e teve término em novembro do mesmo ano,

quando foi concluída a coleta de dados desta pesquisa. Recebeu cerca de R\$198 mil da Lei de Incentivo à Cultura (LIC) e contou com a parceria da Neoenergia (Governo do Distrito Federal, 2023).

Participantes

O projeto contou com a participação de 25 mulheres, que se reuniam semanalmente, por cerca de duas horas, com o intuito de aprender ou aperfeiçoar a arte do crochê. Dentre elas, apenas 14 foram convidadas a participar desta pesquisa por atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos: ser mulher matriculada no grupo *PriMaverando Margaridas: Arte-empoderamento e empreendimento feminino* (considerando que também havia voluntárias), ter sido vítima de algum tipo de VPI e ter 18 anos ou mais.

Dessa forma, o total de participantes efetivas da pesquisa foi de 12 mulheres – uma delas esteve presente no grupo desde o início, mas apresentava faltas constantes e não compareceu aos dias em que foram realizadas as entrevistas individuais; outra se recusou a prosseguir, alegando que seu interesse era exclusivamente em aprender crochê.

Todas as participantes passaram por todas as etapas do processo de aprendizagem do projeto, mesmo aquelas que ingressaram em momento posterior. Durante os encontros, respeitava-se o ritmo de aprendizagem de cada uma, motivo pelo qual nem todas estavam na mesma etapa do processo. Enquanto umas já confeccionavam peças de amigurumi, outras ainda trabalhavam em peças de pano de prato ou aprendendo os pontos básicos. A professora, especialista em crochê, respeitava o tempo individual de cada participante, acompanhando-as de forma personalizada em seus progressos.

As participantes se identificaram como mulheres com idades variando entre 29 e 63 anos. Apenas duas participantes se diferenciaram quanto ao número de filhos: uma tinha sete filhos e a outra não tinha filhos. As demais tinham entre 1 e 3 crianças. As características sociodemográficas das participantes estão descritas na Tabela 4.

Para descrição e análise dos relatos, as participantes foram identificadas com nomes de flores, a fim de manter o sigilo e preservar suas identidades. Essa escolha foi uma decisão das autoras, visando estabelecer uma conexão simbólica com o nome do projeto.

Tabela 4

Dados Sociodemográficos

Participante	Idade	Orientação sexual	Estado civil	Religião	Raça	Escolaridade
Astromélia	63	Heterossexual	Divorciada	Evangélica	Branca	EM Completo
Gérbera	42	Homossexual	Divorciada	Candomblé	Branca	Superior Completo
Jade	59	Assexuada	Solteira	Católica	Preta	Superior Completo
Flor-de-Lis	58	Heterossexual	Viúva	Evangélica	Parda	EF Cursando
Orquídea	54	Heterossexual	Solteira	Evangélica	Parda	EM Completo
Jasmin	54	Heterossexual	Divorciada	Cristã – Só crê em Deus	Parda	EM Completo
Margarida	56	Heterossexual	Solteira	Católica	Branca	EM Completo
Acácia	48	Heterossexual	Divorciada	Eclética	Branca	Superior Completo
Hortência	46	Heterossexual	Casada	Católica	Parda	EM Completo
Tulipa	29	Heterossexual	Solteira	Evangélica	Branca	Superior Completo
Violeta	61	Heterossexual	Divorciada	Católica	Parda	EM Completo
Magnólia	38	Heterossexual	União Estável	Evangélica	Parda	EM Completo

As Oficinas

As oficinas de artesanato em crochê e amigurumi proporcionaram o aprendizado de técnicas de tecer tramas para a criação e produção de peças artesanais. O grupo passou por duas etapas distintas. A primeira ocorreu entre abril e julho de 2023, denominada “fase introdutória”. Nesse período, as participantes aprenderam os pontos básicos e principais do crochê (correntinha, ponto baixíssimo, ponto baixo, ponto meio alto e ponto alto), e posteriormente produziram peças como ecobags, panos de pratos, bolsas, jogos americanos, tapetes, entre

outros. A segunda etapa ocorreu de agosto a novembro de 2023 e foi denominada “fase do amigurumi”, pois concentrou-se no aprendizado dessa técnica específica. As participantes que ingressaram no segundo momento e não possuíam experiência prévia com crochê foram incentivadas a aprender os fundamentos e avançaram conforme o próprio ritmo de aprendizagem. O amigurumi é uma técnica japonesa de criação de objetos tridimensionais em crochê (Edelstein et al., 2022).

O grupo não se restringia exclusivamente às oficinas de crochê. As participantes também participavam de rodas de conversa sobre os direitos das mulheres e a violência doméstica, bem como de oficinas de automaquiagem, que visavam a ampliação do conhecimento e fortalecimento da autoestima das mulheres ali presentes (Tabela 5). Durante as aulas de crochê, a facilitadora, especialista em crochê, contava com o apoio de duas assistentes, mulheres da própria comunidade, que já dominavam o crochê e já haviam vivenciado situações de VPI.

Tabela 5
Plano de Oficina para Aprendizado do Crochê

Número da oficina	Descrição das atividades
Oficina 1	Roda de conversa sobre violência doméstica – Conduzida por uma Advogada. Apresentação da Lei Maria da Penha (LMP) e diálogo entre o grupo.
Oficinas 2 a 4	Produção de peças de crochê (ecobags, panos de pratos, bolsas, jogos americanos e tapetes).
Oficina 5	Introdução ao amigurumi.
Oficinas 6 a 10	Produção de peças de amigurumis e peça de crochê.
Oficina 11	Roda de conversa sobre direitos da mulher - Conduzida por uma Advogada.
Oficinas 12 e 13	Produção de peças novas de amigurumis e de crochê e apresentação de peças feitas em casa por algumas participantes e aperfeiçoamento das peças através da ajuda do grupo e das professoras.
Oficina 14	Workshop sobre empoderamento e autocuidado com aula prática de automaquiagem - Conduzido pela professora de crochê.
Oficina 15	Produção de peças novas de amigurumis e de crochê.
Oficinas 16 e 17	Aula sobre auto investimento e empreendedorismo nas peças de crochê – Parte 1 e 2.
Oficinas 18 e 19	Exposição das peças na praça da comunidade, no centro comunitário e festa de encerramento.

Procedimentos de Coleta de Dados

O estudo foi dividido em três partes. Na primeira etapa, buscou-se seguir os passos da técnica da observação participante. Conforme esta técnica, o observador participa ativamente nas atividades de coleta de dados, sendo essencial que o pesquisador demonstre capacidade de adaptação às dinâmicas e exigências do contexto investigado (Mónico et al., 2017). Segundo os autores, ao partilharem papéis e hábitos dos grupos observados, os observadores se inserem em condições privilegiadas para registrar situações, fatos e comportamentos que dificilmente emergiriam, ou que seriam inibidos ou distorcidos, na presença de indivíduos externos ao contexto. Nesse processo, a nota de campo configura-se como uma ferramenta fundamental no âmbito da observação participante, representando o principal instrumento de registro escrito das percepções, interações e reflexões do pesquisador. Aqui, houve a necessidade de levar em conta o contexto no qual as participantes estão “desenvolvendo também aspectos relevantes da história de vida delas, os processos psicológicos e a perspectiva de ação” (Morais et al., 2016, p. 300).

Assim, a pesquisadora realizou 19 visitas sistemáticas nos dias de realização do grupo, com duração de duas horas cada, durante um período de quatro meses. Durante as visitas, adotou a postura de pesquisadora participante, integrando-se ao grupo, interagindo com as participantes e aprendendo a técnica do crochê. Durante o processo, buscou compreender o cotidiano de aprendizagem, tanto o seu quanto o das demais participantes, com o intuito de aprender o significado da vivência naquele contexto.

Tudo o que foi vivido e presenciado pela pesquisadora foi anotado em um caderno pessoal e, ainda no mesmo dia, eram realizadas transcrições literais e detalhadas dessas observações. Além disso, o processo de construção artística das participantes foi registrado por meio de fotografias. Esse material foi utilizado como parte do processo de supervisão,

auxiliando a pesquisadora a compreender melhor as participantes e identificar suas necessidades.

A segunda etapa do estudo consistiu em um levantamento sociodemográfico das participantes, com o objetivo de verificar quais delas atendiam aos critérios de inclusão. Foi elaborado e utilizado um questionário com nove questões, cujo conteúdo incluía idade, escolaridade, orientação sexual, estado civil, local de residência, renda e outras (Apêndice A).

Quanto à terceira parte – a entrevista semiestruturada –, foi utilizado um roteiro com nove perguntas previamente elaboradas, que visavam compreender a experiência de mulheres sobreviventes de violência doméstica por parceiros íntimos em um grupo artístico de crochê (Apêndice B), sem, contudo, representar um limite rígido para a abordagem da pesquisadora. As perguntas abordaram temas que diz respeitavam ao processo grupal vivenciado e as contribuições do grupo para a vida delas. As entrevistas foram gravadas mediante autorização, sob a prerrogativa de sigilo das informações. O material obtido por meio das gravações foi utilizado exclusivamente para esta pesquisa e, após a transcrição, foi destruído, assim como todas as mídias, de modo a garantir o anonimato das participantes. O material foi coletado e utilizado com autorização expressa das participantes e aprovação da instituição.

Análise dos Dados

Os registros das oficinas e das entrevistas semiestruturadas foram usados para explorar como as participantes vivenciavam e perceberam suas trajetórias durante o grupo e como perceberam as contribuições do grupo de crochê em suas vidas. A análise temática (Braun & Clarke, 2006) foi utilizada para examinar os dados das observações, das entrevistas e das fotos das produções artísticas, quando necessário. Após leitura minuciosa para familiarização com os dados, a pesquisadora identificou padrões e temas significativos relacionados à questão da pesquisa. Em seguida, foram identificados e nomeados agrupamentos temáticos de forma

indutiva. Todo o material obtido passou, então, por análise de uma segunda pesquisadora, que revisou e renomeou os agrupamentos temáticos quando necessário.

O envolvimento de ambas as pesquisadoras no processo ajudou a aumentar a confiabilidade dos temas identificados. Todos os documentos coletados, transcrições de entrevistas, fotografias e notas de campo, foram cuidadosamente analisados como parte do processo de identificação das categorias temáticas.

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida à apreciação ética do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos e Sociais da Universidade de Brasília (UnB), tendo sido aprovada sob o número CAAE: 77961624.6.0000.5540 (Anexo A) e recebeu, por escrito, a autorização de um dos responsáveis pelo projeto *PriMaverando Margaridas: Arte-Empoderamento e empreendimento feminino*, vinculado ao Galpão do Riso (Anexo B).

Após as devidas autorizações, foi realizado o primeiro contato da pesquisadora com o grupo. No contato inicial, foi explicado a todos os membros o objetivo da pesquisa. As participantes foram informadas de que todo conteúdo observado durante as vivências no processo de aprendizado poderia servir como dado para estudos e publicações futuras. Durante a fase de observação, o levantamento sociodemográfico foi realizado, e alguns participantes foram chamadas para uma conversa inicial. Para essas, o objetivo da pesquisa foi novamente explicado, e elas foram convidadas para a entrevista individual ao final do processo grupal. Nesse momento, foram comunicadas sobre os aspectos éticos do estudo, assegurando o bem-estar e a dignidade de cada uma, assim como o sigilo e o anonimato, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo C) e do Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de Pesquisa (Anexo D).

Resultados e Discussão

Duas categorias principais emergiram da análise temática: a percepção das participantes a respeito do grupo e as contribuições do grupo para as mulheres, com respectivos subtemas.

Tema 1: A Percepção das Participantes a Respeito do Grupo

A percepção das participantes em relação ao grupo inclui subtemas que revelam a forma como elas sentiram e vivenciaram sua trajetória no grupo e no processo de aprendizado do crochê. Além disso, as participantes também solicitaram a oportunidade de continuar o grupo após o término do programa, a fim de promover continuidade da trajetória de aprendizado.

Sensações e Sentimentos com Relação ao Grupo de Crochê.

Foi possível observar, nos relatos, que os sentimentos vivenciados em relação ao grupo foram experimentados de forma singular pelas participantes. Os dados revelaram que onze das doze participantes relataram sentimentos agradáveis e sensações de bem-estar ao longo do processo grupal. Como exemplo, a participante Violeta comentou: “Eu me sinto bem aqui. O grupo me faz bem. Você sorri, você conversa, você aprende a olhar o mundo com um outro olhar de humanidade, um olhar de alegria”.

Algumas mulheres explicaram as particularidades que contribuíram para os sentimentos positivos em relação ao grupo. Duas participantes afirmaram que o grupo as ajudou a se distrair, gerando um sentimento de leveza. Nesse sentido, Magnólia relatou: “Aqui é tudo de bom, eu saio daqui levezinha. Quando eu estou em casa estou lá estressada, quando venho aqui me sinto leve”, e Orquídea disse: “Muito bom, eu gosto. Aqui eu me distraio. Não penso em coisas que não quero...”. A possibilidade de sair de casa e aprender algo prazeroso gerou uma sensação de enriquecimento da rotina para outras duas mulheres. Tulipa sintetizou essa experiência ao afirmar: “O grupo ajuda a sair um pouco também da minha rotina. Eu acho que tem sido bom também sair da rotina lá de casa ir para outro lugar ver as pessoas com outras vivências”.

Nesse contexto, observamos que a distração e o enriquecimento da rotina atuaram como estratégias de enfrentamento positivas. Ao frequentarem o grupo, as participantes conseguiram substituir ações e/ou pensamentos que antes lhes causavam sofrimento por uma experiência prazerosa como o grupo de crochê, construindo uma nova possibilidade de preenchimento para vida. Segundo Lazarus e Folkman (1984), as estratégias de enfrentamento, também conhecidas como *coping*, são comportamentos adotados com o intuito de lidar com situações estressoras. Para os autores, essas ações estão relacionadas às respostas criativas que elaboramos diante das dificuldades.

Os sentimentos de acolhimento e apoio também estiveram presente nas falas de mais duas mulheres. Jade ressaltou: “Eu me sinto acolhida. Todas querem ajudar umas às outras”, e Gérbera: “Muito bem. Aqui as pessoas me apoiam de várias formas. Quando eu estou muito mal, sempre estão me tentando me botar para cima”.

Apesar dos diversos sentimentos positivos que emergiram nas falas, uma participante relatou sentir-se deslocada, expressando uma sensação de não pertencimento, falta de apoio e limitada interação com o grupo. Jasmin disse sentir-se “Deslocada... Ninguém me procura pra conversar se eu não for atrás, não tem amizade”. Os dados da observação corroboram esse relato, indicando uma maior interação dessa integrante com a professora, endossando sua percepção de pouco diálogo com os demais membros. Durante as observações, ficou nítido que ela se limitava a tirar dúvidas e retornava imediatamente para o crochê, quase não havendo conversas paralelas por parte dela. Vale ressaltar que Jasmin iniciou sua participação apenas na segunda etapa do projeto e frequentava as oficinas uma vez por semana, em função da dificuldade de conciliar sua agenda com o horário das atividades. Essas variáveis podem contribuir para explicar sua dificuldade de integração e conexão com o grupo.

A literatura sobre grupos operativos ressalta que é comum encontrar participantes que apresentem percepções antagônicas às dos demais membros, uma vez que, na dinâmica grupal,

os participantes assumem e abdicam de papéis ao longo do processo (Pichon Rivière, 2009; Saidón, 1986, citado por Silva, 2023). Para o autor, cada pessoa irá assumir um papel a partir da relação com o outro. Entre o papel prescrito e o papel assumido, os participantes respondem à representação de si mesmos e a representação das expectativas do outro.

Apesar do sentimento de não pertencimento de Jasmin, por não se sentir acolhida pelo grupo, os dados revelam que as outras participantes apresentaram sentimentos positivos ao longo da trajetória grupal. Elas revelaram conexão entre si e autorregularão emocional diante de suas necessidades individuais, como foi o caso das mulheres que sentiram o grupo como um movimento de distração, revelando que essa ação possui um significado maior do que o simples ato de se distrair. Descobertas como essas abrem espaço para pensarmos na função de uma oficina que nasce com objetivos delimitados e proporciona aos seus membros aprendizados e progresso (Fernandes, 2003). Para o autor, esse tipo de grupo operativo, mesmo que não tenha essa finalidade pré-definida, gera mudanças subjetivas nos indivíduos, podendo, ao longo do processo, se tornar terapêutico.

Outro ponto marcante foi o acolhimento da professora. Duas mulheres ressaltaram que o modo da professora de se relacionar, de ensinar e de cuidar foi inspirador para elas. Ambas afirmaram que levarão esse jeito de ser para a vida. Jasmin afirmou: “Ah, assim... A única coisa que eu absorvi foi da professora. Ela é atenciosa. Ela é meiga. Ela se dedica, ela... Ela é tudo. Eu a achei assim surreal, de tão maravilhosa. Ela é maravilhosa”. Já Acácia disse:

A começar com a professora. O nível de paciência dela é fantástico. Não teria essa paciência toda. De amor, também é muito boa a atenção, não só na aula. Uma atenção além daqui. Do dia a dia do que cada uma está passando. Isso eu vejo pelo WhatsApp, entende? Pelas mensagens do WhatsApp.

Os dados das observações também corroboram as falas. O jeito delicado, atencioso e paciente da professora, que não se restringia ambiente grupal, gerou reflexões e foi fonte de contribuição para a vida delas. Segundo os dados das observações:

Eu percebi que a professora é muito solicitada e é bem cuidadosa com todas. Sempre busca ouvir, ensinar e dar conselhos. Ela costuma resgatar as participantes quando elas começam a faltar. Liga, chama para conversar, tentar ajudar para além do grupo.

Os orientadores que operam em grupos que exercem atividades manuais precisam considerar os desdobramentos gerados para além da realização da tarefa e da reintegração social. Eles também devem atentar-se à produção subjetiva promovida (Lancetti, 1993). Dito isso, acredita-se que as ações adotadas pela professora possam ter contribuído para o processo de acolhimento, integração e, principalmente, para a coesão grupal. Segundo Pichon-Rivière (2009), o orientador de um grupo operativo deve direcionar o grupo para a tarefa comum, mas também precisa assumir o papel de indagador, problematizador e articulador das falas dos integrantes. Dessa forma, ele atua na manutenção da coesão do grupo e na superação das ansiedades despertadas durante a realização da tarefa.

Para finalizar, duas participantes relataram ter aprendido algo com o jeito de ser da professora. Astromélia explicou: “O jeito com que ela ensina também, o cuidado que ela tem para falar com cada uma, o jeitinho dela falar é muito gratificante. E a gente acaba aprendendo um pouquinho dela”. Margarida afirmou: “Aprendi com as professoras só, com elas [as parceiras de crochê] não”.

Nota-se, neste ponto, uma ressonância entre o modo de ensinar e de ser da professora e a experiência das participantes, de tal forma que elas se sentiram influenciadas por essas características. Provavelmente, o trato delicado, calmo e paciente contribuiu para que elas se sentissem impulsionadas a agir de modo semelhante ou cuidar de algo da mesma forma como a professora cuida.

Sentimentos com Relação ao Fazer Crochê

Os sentimentos em relação ao crochê referem-se às emoções vivenciadas pelas participantes durante o processo de criação das peças. Todas as doze participantes demonstraram conexão com a atividade realizada, revelando sentimentos positivos e sensações agradáveis. Seguem dois exemplos que expressam esses sentimentos: “Ah bem... eu até perco a noção do tempo. Nossa, é gratificante demais, porque eu gosto demais de fazer crochê. Ainda com tanta gente envolvida aqui. É muito gratificante” (Astromélia), e:

É um momento que eu esqueço de tudo, eu sou uma pessoa muito focada em tudo que eu faço, então é... mesmo que tenha, talvez, alguém falando comigo ali no momento, eu não consigo tirar a concentração do que eu estou fazendo então é um momento que eu consigo relaxar (Gérbera).

Ao exporem o estado mental de “perder a noção do tempo” e “esquecer de tudo” ao fazer o crochê, Astromélia e Gérbera revelam o quanto estavam entregues e concentradas na oficina de arte. Esses relatos demonstram um estado de presença durante a realização da atividade. A literatura enfatiza que o crochê, devido aos seus padrões de construção, pode estimular a concentração, o raciocínio e a lógica, pois requer foco e disciplina (Cavalcante, 2023). Além disso, um estudo misto realizado na Turquia com mulheres sobreviventes de VPI destacou que a arte ajudou as participantes de um grupo terapêutico a desfocar de suas experiências traumáticas (Özkafacı & Eren, 2020). Outros achados das autoras indicam que o fazer criativo gerou sentimento de vivacidade e felicidade nas mulheres, ao mesmo tempo em que elas relatavam a impressão de que o tempo passava mais rápido.

Mais duas participantes relataram sentir boas sensações ao fazer crochê porque começaram a perceber que eram capazes de progredir na criação das peças (Figura 2). A percepção de que algo foi criado por elas gerou muito orgulho de si mesmas: “Olha aqui, olha que lindo, foi eu que fiz, que orgulho! Eu consegui fazer, né? Deu trabalho, mas eu fiz, eu

consegui” (Hortência); e: “É gostoso demais menina, você saber que você é capaz, a cada dia você é capaz de mais e mais, você está descobrindo tudo isso, das suas capacidades” (Margarida). Guimarães et al. (2018) ressaltam que a autoestima da mulher que passou por VPI é muito afetada, com isso é muito difícil que elas consigam se enxergar como seres potentes. Por isso, acreditamos que viver a potência de se autodescobrir como sendo ser capaz de produz algo feito por elas mesmas pode ser promotor de saúde e mantenedor de uma autoestima mais elevada.

Figura 2

Imagens dos Amigurumis



Nota. A imagem da esquerda representa um urso de amigurumi feito por Hortência. No meio, a toalha de mesa cinza e as botinhas natalinas vermelhas foram crochetedas por Margarida. As bonecas de amigurumi da direita foram confeccionadas por ambas as participantes.

Ao mesmo tempo, outra participante relatou apreciar a sensação de prazer proporcionada pela prática do crochê, mas destacou que se sentia ainda mais motivada pela possibilidade de trocar experiências de aprendizagem com as colegas. Ela demonstrou entusiasmo em ensinar e aprender com o grupo:

É bom, porque um vai ensinando o outro... Sentir bem é você poder ajudar. Você poder ajudar quem está ali. Aflita ali, querendo sair dali eu me sinto bem ajudando o próximo. Se eu souber fazer e ela está ali, se eu já terminei o meu, eu vou e ajudo, aí eu sinto bem ajudando ela a fazer o dela (Magnólia).

A fala de Magnólia também revela conflitos no processo de aprendizagem. Em algumas situações, foi percebido que as participantes se angustiavam quando não conseguiam concluir um ponto ou cometiam erros nas peças. As observações indicaram sentimentos de angústia, frustração e impotência em determinados momentos por parte de Orquídea, Flor-de-Lis e Jasmin. Quando isso acontecia, algumas precisavam desmanchar a produção para recomeçar a partir do ponto em que haviam errado. Enquanto algumas demonstravam medo, outras se queixavam, e houve quem desistisse do grupo por se sentir incapaz de prosseguir. Era uma exigência da professora que as peças ficassem perfeitas – nenhuma participante poderia dar continuidade a uma produção com erros. Elas precisavam fazer e refazer quantas vezes fossem necessárias. Esse processo de errar e recomeçar gerava conflitos internos, e, com o tempo, as participantes passaram a se apoiar mutuamente: as que já haviam concluído ajudavam as que estavam com dificuldades. Algumas preferiam permanecer com o erro e levar as peças para treinar em casa; quando conseguiam, retornavam ao grupo, mostrando sua criação.

Assim, os bons sentimentos não se restringiam apenas às trocas relacionadas ao aprendizado ou ao orgulho de se sentirem capazes, mas também incluíam o prazer de socializar com as parceiras:

Ah, eu sei lá, eu fico assim, eu converso mais do que faço. Eu adoro muito conversar e me sinto muito bem. Parece que eu venho para uma grande roda de conversa. Não é que não importa muito com o crochê não, mas eu adoro encontrar com outras pessoas (Jade).

Para Jade, o sentido do grupo estava profundamente relacionado às trocas com as demais participantes. Davies e Pescud (2020) ressaltam, a partir de achados de outros estudos, que a arte funciona como um catalisador para construir pontes, vínculos e fortalecimento do capital social. Essa perspectiva se assemelha ao prazer de socializar vivenciado por Jade. O

grupo semanal de crochê proporcionou oportunidade de interação, ampliando seu campo de relações.

Oportunidade para Mais Conexão.

Além de todos os sentimentos positivos gerados, seis participantes demonstraram interesse em continuar com a oficina após o término dos encontros. Mesmo sem o apoio dos fomentadores, elas se sentiam capazes de autogerenciar o grupo e dar continuidade à oficina. Para elas, a experiência foi muito gratificante e profunda, despertando o desejo de continuar reproduzindo tudo o que foi aprendido e articulado. Hortência disse:

Eu não queria que acabasse. Você acha que a gente, Flor-de-Lis, Violeta, Astromélia, ‘Magnólia’ e eu podemos continuar? Você acha que eu posso propor isso para a professora? Pensamos em vir para cá mesmo e usar o salão, sem a professora e as meninas (as monitoras), com nosso material mesmo (instrumentos pessoais comprados por elas mesmas), e continuar fazendo. Caso não possa, todas moram perto uma das outras, a gente pode se reunir na casa de alguém e continuar lá. Foi tudo tão bom que a gente quer continuar se reunindo, fazendo e estando juntas.

Além de querer continuar conectada com o grupo e fazendo o crochê, Margarida ainda queria que o grupo tivesse mais tempo: “Eu queria que fosse mais tempo, que tivesse mais dias da semana. Queria que o horário tivesse mais um pouquinho”. A busca pela continuidade do grupo ou pelo aumento das horas de atividade revela a satisfação das participantes e a autonomia de algumas delas, incitada pelo prazer na atividade proposta e na troca compartilhada.

Tema 2: Contribuição do Grupo para as Mulheres

As participantes compartilharam as possíveis contribuições do grupo e das interações com suas parceiras crocheteiras para suas trajetórias pessoais, além de relatarem de que forma tais contribuições foram incorporadas e reproduzidas em seu cotidiano.

Contribuição do Grupo para a Vida.

Uma das contribuições do grupo para a vida das participantes estava relacionada aos ganhos relacionais. Quatro mulheres destacaram a importância das trocas, do apoio mútuo e dos vínculos de amizade entre elas. Aqui, a valorização no compartilhamento de experiências ganhou destaque. Notamos um aprofundamento das relações que extrapolou os limites do grupo, favorecendo a construção de vínculos baseados na convivência e no amparo mútuo. O relato a seguir ilustra:

É que eu conheci pessoas que eu nem imaginava que eu ia conhecer. É... gente que eu via de vista, nunca conversei. Agora eu a vejo, eu vou na casa dela, tomo café. Tomo café não, tomo chá, né? Que eu não tomo café. Eu tomo um chá na casa dela. Quando eu estou aperreada eu vou lá para casa dela. E isso... É uma amizade que vai ficar, né? Porque começou aqui (Hortência).

O relato de Hortência exemplifica as falas das demais participantes, que também conseguiram ampliar os vínculos de amizade para além das fronteiras do grupo de crochê, evidenciando uma relação pautada no cuidado, na conexão e no aprofundamento dos laços. Essa evidência reforça a ideia de que o trabalho em grupo é uma estratégia eficaz de intervenção, pois ajuda a aumentar a percepção de suporte social entre os participantes, facilita o acesso a informações importantes para lidar com situações adversas e cria um espaço para refletir sobre questões existenciais. Esses fatores, juntos, fortalecem os recursos pessoais das participantes e contribuem para o desenvolvimento de habilidades para enfrentar momentos difíceis (Santos et al., 2011 citado por Stanziani et al., 2024).

No que concerne à literatura voltada as artes, Davies e Pescud (2020) enfatizam que as diversas modalidades de arte contribuem significativamente para a promoção da saúde social e do bem-estar de seus usuários, uma vez que essas práticas são capazes de fortalecer a conexão, a coesão social e a inclusão, além de reduzir sentimentos de solidão. Os autores verificaram

que a participação em atividades artísticas pode reduzir o isolamento social, incentivar a coesão da comunidade, estimular o apoio mútuo e melhorar os relacionamentos intergeracionais e a conexão com a família e os amigos.

Essas evidências também se manifestam na fala de Orquídea, que destacou transformações emocionais significativas a partir de sua interação com os membros e com a arte de crocheter. Segundo ela, as contribuições do grupo: “Ajudaram para a minha mudança, para me levantar, para me tirar daquele desespero, daquela depressão que eu ficava em casa, ele contribuiu para me levantar”. Experiências de emoções negativas sendo transformadas em emoções positivas também foram identificadas em estudos que utilizaram intervenções baseadas em arte com mulheres que sofreram VPI (Cherian & Reshmy, 2023; Skop et al., 2022). As práticas artísticas utilizadas em grupo se revelaram como instrumentos potentes e multifacetados, capazes de facilitar a expressão de emoções – sejam elas positivas ou negativas. Além disso, essas intervenções contribuem para que as mulheres obtenham *insights* sobre a experiência de outras participantes, aprofundando sua própria experiência emocional (Ron & Yanai, 2021). Dessa forma, o acesso às artes amplia as conexões interpessoais e contribui para a melhoria da saúde no contexto comunitário. Assim, uma das contribuições relevantes de intervenções bem-sucedidas com o público da mulher que sofreu VPI é sua capacidade de quebrar o ciclo de isolamento social frequentemente imposto às mulheres em situação de violência.

Ainda no contexto das contribuições, a ampliação da percepção sobre as diferenças individuais também se destacou para uma das participantes, que comparou seu modo de se relacionar e de agir com o de outras participantes:

É muito interessante você estar num ambiente com pessoas completamente diferentes de você, do seu contexto de vida e de educação. São outras vivências e maturidade [...]. Muita história marcante, muita história de muitas superações e tal. E ver essas mulheres,

independente de todas as situações, aqui. Porque tem mulheres de todas as idades, né?

E ainda estarem atrás de aprender a desenvolver alguma coisa. Eu tomei como aprendizado e eu tomei assim como uma reflexão da vida (Tulipa).

A diferenciação entre as realidades e contextos de vida das mulheres foi o foco da percepção de Tulipa. As trajetórias singulares e a vontade de aprender de cada participante serviram como elementos de reflexão para ela. Pichon-Rivière (2009) afirma que, em um grupo, a heterogeneidade entre os membros favorece a construção de uma maior homogeneidade da tarefa coletiva. Esse fenômeno acontece quando os participantes, partindo de um processo contínuo, dinâmico e oscilante, identificam pontos de referência em comum.

Por outro lado, Gérbera enfatizou a influência do grupo em aspectos relacionados à sua saúde mental, destacando que as rodas de conversa contribuíram para a ampliação de sua consciência. Ela ilustrou: “Em termos mentais e psicológico muito, muito, muito, bastante... E eu estou me sentindo bem mais empoderada nesse sentido também. Porque algumas coisas realmente eu não sabia das leis e tal, e eu fui saber aqui também...”. Os dados das observações também revelaram a motivação das crocheteiras para participar das rodas de conversa com a advogada:

Todas as mulheres que estavam presentes demonstraram atenção na fala da advogada.

É possível perceber de forma clara que algumas não conheciam a Lei [Maria da Penha], elas comentaram, tiraram dúvidas, demonstraram curiosidade e algumas contaram experiências de vida com ex-parceiros violentos (Dados das observações).

O trabalho em grupo possibilita que as experiências individuais de dores e humilhações sejam transformadas à medida que são compartilhadas no social, configurando um exemplo de resistência (Matos et al., 2012, citado por Conte et al., 2023). Assim, nota-se que as rodas de conversa constituíam o momento de tomada de consciência sobre a violência sofrida pelas participantes. Esse espaço também representava o único momento em que todo o grupo

dialogava sobre os relacionamentos violentos que viveram. Muitas aproveitavam para expressar suas dores e angústias diante daquelas que já haviam saído da relação há mais tempo, oferecer conselhos para aquelas que ainda sofriam com as perdas recentes, e, assim, cada uma apresentava seu papel e opinião. Achados de um estudo de Mondolfi Miguel e Pino-Juste (2021) sobre a importância da experiência grupal na recuperação do mal-estar subjetivo e na elaboração de possíveis traumas psíquicos, indicam que o encontro entre mulheres que vivenciaram conflitos semelhantes contribui para que elas cuidem de suas demandas emocionais e atendam às expectativas iniciais de necessidade de apoio social e afetivo. Além disso, Stanziani et al. (2024) constaram, em estudo com mulheres abrigadas, que o suporte social proporcionado pelo grupo de apoio contribui para a ampliação do repertório de enfrentamento das mulheres em situação de violência por parceiro íntimo, cuja capacidade de resolver problemas estava, muitas vezes, restrita em razão dos anos de vivência sob relações violentas.

Ainda que o impacto do processo grupal tenha sido profundo e capaz de gerar ressonâncias na vida de algumas participantes, quatro delas relataram que os aprendizados adquiridos estavam restritos às técnicas do crochê (Figura 3). Isso se refletiu na fala de Violeta: “Sim, o crescimento dentro do crochê para eu aprender, porque eu sabia o básico, claro, fiz algumas peças, muitas, mas melhorar o crochê valorizar e o que eu estou fazendo, primeiramente valorizar o meu trabalho. É um trabalho”.

Figura 3

Imagens dos Amigurumis de Crochê



Nota. A imagem à esquerda apresenta uma boneca de amigurumi confeccionada por Violeta, assim como o Papai Noel de crochê exibido ao centro. A imagem à direita retrata um boneco de amigurumi produzido por outra participante.

Embora o aprendizado do crochê tenha sido o foco da fala da participante, observa-se também, por meio do comentário de Violeta, um processo de valorização das peças produzidas. Esse mesmo sentimento foi relatado por Hortência e Margarida. Consideramos que o sentimento de autovalorização pode funcionar como um fator motivacional para as participantes, constituindo um elemento relevante para a manutenção da autoestima e o crescimento pessoal. Essa percepção encontra respaldo em dados de um estudo realizado nos Estados Unidos, que investigou o impacto da terapia artística criativa – com uso de desenho, argila e dança – nos níveis de esperança e autoestima de mulheres sobreviventes de relacionamentos íntimos violentos. A pesquisa demonstrou a eficácia da arte usada como forma de intervenção, evidenciando que o uso de práticas artísticas foi capaz de promover melhorias significativas nesses níveis ao longo do tratamento (Vela et al., 2016). Para os autores, a transformação da esperança está vinculada à capacidade de estabelecer e alcançar metas, enquanto as mudanças na autoestima se relacionam ao crescimento pessoal e ao fortalecimento do autorrespeito.

Aprendizagem entre os Membros do Grupo.

A subcategoria “aprendizagem entre os pares” refere-se à possibilidade de trocas de saberes entre as participantes, evidenciando a construção coletiva do conhecimento. Assim, três participantes relataram que os aprendizados obtidos se restringiram ao domínio da técnica do crochê. Suas falas ilustram essa percepção: “Elas me passaram o que elas não sabiam e eu passei o que eu não sabia pra elas” (Magnólia); “Aprendi as técnicas que eu não estava sabendo, que eu estava fazendo errado” (Tulipa); e “Aprendi coisas relacionadas ao crochê” (Jasmin).

Diferentemente das participantes mencionadas, seis mulheres relataram mudanças em traços de seus comportamentos a partir das experiências vividas com as parceiras do grupo. Os relatos apontam para mudanças subjetivas e relacionais, como demonstram os depoimentos a seguir: “Ter mais paciência. Agora eu já sei compreender, esperar e ter paciência” (Orquídea); “Nossa, muita coisa. Aprendi a me soltar mais, né? Eu estava muito presa, né? Eu já estava com depressão. Aqui eu me solto, né?” (Hortência); “Escutar, né? Às vezes você tem que escutar mais, né? Assim, na reunião é bom que você aprende...” (Flor-de-Lis); e

Ah, tem algumas lições [...] de você talvez não se colocar em situações de risco, não se envolver com pessoas, talvez que você veja já no início que já não vai dar certo e você quer forçar para aquilo dar certo (Gérbera).

A participante Jade relatou ter desenvolvido maior assertividade em suas decisões, afirmando sentir-se encorajada a partir da influência exercida pelas parceiras. Segundo ela: o que eu aprendi é que a gente não pode desistir. A gente não pode desistir dos nossos sonhos, a gente não pode desistir do que a gente quer fazer. Seja o que for. Seja o que for. Ah, quero fazer crochê. Faça crochê. Ah, eu quero sair do relacionamento. Saio do relacionamento. E as pessoas que estão aqui, elas encorajam a gente.

Para finalizar seguem fotos do último dia do grupo com a exposição das peças feitas por todas as participantes (Figura 4). Elas foram apresentadas na praça da região em céu aberto

para toda o público visualizar os resultados dos trabalhos. Assim, como foram expostos no centro comunitário, Galpão do Riso, com a exposição, apresentação de coral e uma linda festa de encerramento.

Figura 4

Imagens dos Amigurumis de Crochê



Nota. Exposição das peças no último dia de grupo para a comunidade.

Considerações Finais

Este estudo qualitativo investigou a experiência de mulheres que sofreram VPI em um grupo artístico de crochê no contexto de um centro comunitário, que buscava fortalecer e empoderar as vítimas vulneráveis de relacionamentos abusivos através da arte. Diante dos relatos, notamos que a experiência no grupo artístico se revelou benéfica quando as participantes: (1) manifestaram sensações e sentimentos positivos diante do grupo e da arte do saber-fazer crochê e (2) relataram aprender e contribuir mutuamente com as suas trajetórias de vida.

A primeira categoria evidencia que as mulheres sobreviventes vivenciaram a experiência grupal e artística de forma positiva, pois entraram em contato com sentimentos de bem-estar, confiança, orgulho de si, criando conexões seguras em decorrência do acolhimento e da sensibilidade da professora. Ao expor suas emoções positivas, as participantes foram capazes de expressar seus sentimentos de confiança, segurança e pertencimento no ambiente

do grupo. Esses sentimentos podem ter sido oriundos da força em que os membros exercem uns sobre os outros, e a colaboração do facilitador pode ter contribuído para o sentimento de acolhimento e conexão entre os membros (Pichon-Rivière, 2009). Ao mesmo tempo, esta oficina de crochê conduzida de forma profissional demonstrou alto potencial de transformação comunitária, uma vez que gerou senso de pertencimento, conexão e fortalecimento das identidades.

Dentre as principais ressonâncias evidenciadas na segunda categoria, que aborda as contribuições grupais, observa-se a ampliação das fronteiras relacionais, marcada pela valorização da troca e do apoio mútuo nas conexões entre os membros, bem como pela experiência vivida com a arte aprendida. Nota-se que esses resultados fornecem evidências de que a prática coletiva do crochê se revelou uma ferramenta potente para as participantes. A intervenção ofereceu suporte ao grupo, promovendo mudanças na realidade de algumas mulheres, auxiliando ainda na transformação de experiências negativas em positivas, ampliando a consciência acerca de seus direitos sociais e das legislações antes desconhecidas, como a Lei Maria da Penha. Assim, o grupo ampliou o acesso dos participantes à informação, orientação, validação e percepção de que outros tipos de assistência estavam disponíveis, caso necessário. Vale destacar, que o acesso à informação não são garantias suficientes para o desfecho de transitar para nova relação saudável (Parada, 2017).

No contexto comunitário, os dados sugerem, em consonância com a literatura, que o estímulo às artes é um recurso potente na prevenção da saúde, uma vez que as intervenções artísticas são capazes de promover conscientização, conhecimento, atitudes e comportamentos em populações vulneráveis (Davies & Pescud, 2020). Bungay e Clift (2010) sustentam que a participação em atividades artísticas atua em duas dimensões distintas. No plano individual, tal envolvimento está associado à melhoria da saúde e do bem-estar dos participantes. Em nível

comunitário, contribui para o fortalecimento do engajamento social e para a promoção da inclusão social.

Entretanto, os resultados do estudo também revelaram que o processo grupal vivenciado por algumas mulheres esteve relacionado ao foco na dinâmica de aprendizagem do crochê. Vale ressaltar, com base nos dados conclusivos do estudo de Lemos e Pereira (2020), que o saber-fazer do crochê é uma ferramenta herdada por meio do ofício de mulheres de gerações anteriores e que esse fazer manual, presente desde os primórdios da existência humana, consolidou-se historicamente como prática associada à figura feminina. O ofício artesanal, tradicionalmente exercido no âmbito doméstico, representa uma via de conquista de autonomia financeira para mulheres que, por meio da comercialização dos produtos que confeccionam, afirmam-se como provedoras e chefes de família. Assim, os autores ressaltam que a geração de renda própria, a partir do processo de aprendizagem do crochê, promove o empoderamento dessas mulheres no contexto social, conferindo-lhes reconhecimento e valorização enquanto agentes econômicas e culturais.

Dito isso, chegamos à conclusão de que os resultados do presente estudo fornecem evidências de que o envolvimento no grupo artístico de crochê teve feitos positivos na vida das participantes. Os resultados podem contribuir ainda para a base de evidências que apoiam o uso de intervenções artísticas e culturais para pessoas que sofreram VPI. Além disso, trata-se de uma pesquisa que contribui substancialmente para a literatura, sendo um dos primeiros estudos a combinar os temas da intervenção baseada em arte, grupos operativos e comunidade. Acreditamos ainda que esta pesquisa pode preencher lacunas de conhecimento sobre as formas pelos quais as artes culturais funcionam e de que forma aprimoram os ambientes sociais.

Este estudo apresentou algumas limitações que precisam ser abordadas. A primeira diz respeito ao grupo de crochê, que sofreu diversas perdas de participantes ao longo do processo, com muitas desistências ocorrendo durante a trajetória grupal, o que reduziu o tamanho da

amostra de participantes neste estudo. Algumas mulheres enfrentaram problemas pessoais, outras demonstraram desengajamento com o processo de aprendizagem e julgaram não conseguir confeccionar as peças; outras ainda se frustraram e gradativamente abandonaram o grupo. Elas ainda enfrentaram desafios de ordem socioeconômica, os quais se configuraram como um fator limitante para a assiduidade e continuidade ao grupo. Consequentemente, o número de participantes foi reduzido, sendo que duas desistiram da pesquisa por motivos distintos.

A segunda limitação observada refere-se ao fato de que o fenômeno da VPI foi mencionado apenas durante as rodas de conversa, o que fez com que o tema fosse pouco explorado no grupo e na pesquisa, por não estar em foco. Algumas participantes relataram que apreciavam o fato de não precisarem revisitar constantemente as dores vividas. Por outro lado, sabe-se que os traumas não elaborados e não cuidados podem gerar impactos físicos e psicológicos duradouros ao longo da vida (Levine & Frederick, 1999). Neste sentido, os dados do presente estudo não elucidam como as artes, em especial o crochê, afetam a experiência de recuperação do trauma.

Por fim, a pesquisadora ingressou no grupo apenas ao final da primeira etapa, o que a impediu de acompanhar os encontros iniciais e o processo de formação de vínculo entre as participantes. Assim, padrões, tendências e potenciais inconsistências poderiam ter sido observados e documentados desde o início. Sugerimos, portanto, que estudos futuros adotem um delineamento longitudinal, a fim de explorar as possíveis mudanças no crescimento pessoal das participantes ao longo do tempo, inclusive após o encerramento do grupo.

Para entender e aprofundar ainda mais o estudo, recomenda-se a realização de pesquisas futuras que investiguem as experiências de mulheres que sofreram VPI a partir da utilização da arte em contextos grupais. A estrutura conceitual deste estudo pode contribuir para o

desenvolvimento de estratégias de intervenção e auxiliar profissionais na formulação de planos terapêuticos que apoiem a jornada de tratamento dessas sobreviventes.

Referências

- Afonso, M. L. (2018). *Oficinas em dinâmica de grupo: Um método de intervenção psicossocial* (3. ed.). Artesã Editora.
- Bird, J. (2018). Art therapy, arts-based research and transitional stories of domestic violence and abuse. *International Journal of Art Therapy*, 23(1), 14–24.
<https://doi.org/10.1080/17454832.2017.1317004>
- Bonfim, C. de J., Saraiva, M. E., Curto, M. J., Abrantes, M. de L., & Ferreira, S. P. (2000). *Centro comunitário - Guiões Técnicos, nº. 15*. Direção Geral da Ação Social.
https://www.seg-social.pt/documents/10152/51562/Centro_comunitario/a0a29948-aba9-446b-afc0-8561ad725e37
- Brasil. (2003). *Lei nº. 10.778, de 24 de novembro de 2003*. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. Presidência da República.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.778.htm
- Brasil. (2006). *Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]. Presidência da República.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
- Brasil. (2009). *Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual: Matriz pedagógica para formação de redes*. Ministério da Saúde.
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_mulheres_adolescentes_matriz_pedagogica.pdf

- Brasil. (2013). *Lei nº. 12.845, de 1º de agosto de 2013*. Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. Presidência da República.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology, 3*(2), 77–101. <http://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bungay, H., & Clift, S. (2010). Arts on prescription: a review of practice in the UK. *Perspect Public Health, 130*(6), 277–281. <http://doi.org/10.1177/1757913910384050>
- Cardinal, K. (2014). The personality tea pot: The effects and future application in art therapy. *Canadian Art Therapy Association Journal, 27*(2), 13–30. <https://doi.org/10.1080/08322473.2014.11415596>
- Cavalcante, F. M. L. (2023, outubro). *O crochê como prática pedagógica de empoderamento* [Apresentação]. IV Congresso Internacional da RIEOnLIFE e VIII Festival Internacional do We, Learning with the Cibricity, Minas Gerais, Brasil. <https://eventos.ifnmg.edu.br/RIEWLC/anais>
- Cherian, M. R., & Reshma, A. (2023). Body, visual arts and healing: A study of the effectiveness of facilitative visual arts interventions with women survivors of intimate partner violence in Kerala. *Critical and Radical Social Work, 12*(3), 330–345. <https://doi.org/10.1332/204986021X16844918105641>
- Chiang, M., Reid-Varley, W. B., & Fan, X. (2019). Creative art therapy for mental illness. *Psychiatry Research, 275*, 129–136. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.03.025>
- Conte, R. F., Grabowski, B. S., Cordeiro, V. S., & Cioato, M. E. (2023). Implicações do grupo operativo em mulheres que vivenciaram a violência de gênero. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, 24*(1), 47–60. <https://nesme.emnuvens.com.br/SPAGESP/article/view/41>

- Corkhill, B. (2017). *Terapia do crochê: 20 Projetos de mindfulness, relaxamento e revitalização*. Nascente
- Datafolha. (2025). *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil* (5. ed.).
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/relatorio-visivel-e-invisivel-5ed-2025.pdf?v=13-03>
- DataSenado (2024). *Pesquisa nacional de violência contra a mulher – 2023*.
<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasenado-2023>
- Davies, C., & Pescud, M. (2020). *The arts and creative industries in health promotion: An Evidence Check rapid review*. Sax Institute for The Victorian Health Promotion Foundation. <http://doi.org/10.57022/rdac1868>
- Destri, M. L. (2014). Proyecto enfocadas: Una experiencia grupal realizada con mujeres que sufrieron en el pasado violencia por parte de sus parejas, utilizando la fotografía y la narración como herramienta terapéutica. *Arteterapia: Papeles de Arteterapia y Educación Artística para la Inclusión Social*, 9, 225-246.
http://dx.doi.org/10.5209/rev_ARTE.2014.v9.47493
- Edelstein, M., Peleg, H., Itzhaky, S., & Ben-Chen, M. (2022). AmiGo: Computational design of amigurumi crochet patterns. In *Proceedings of the 2022 ACM Symposium on Computational Fabrication (SCF '22)* (pp. 1–9). Association for Computing Machinery. <https://doi.org/10.1145/3559400.3562005>
- Fancourt, D., & Finn, S. (2019). *What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review*. World Health Organization.
<https://iris.who.int/handle/10665/329834>
- Fernandes, W. J. (2003). A importância dos grupos hoje. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 4(4), 83–91.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702003000100012

Fiscmann, J. B. (1997). Como agem os grupos operativos. In D. E. Zimermann & L. C. Osório (Orgs.), *Como trabalhamos com grupos* (pp. 20 –377). Artes Médicas.

Giesbrecht, C. J., Jamshidi, L., LaVallie, C., Sasakamoose, J., & Carleton, R. N. (2022). Assessing the efficacy of a cultural and artistic intervention for indigenous women who have experienced intimate partner violence. *Violence Against Women (VAW)*, 28(14) 3375–3399. <https://doi.org/10.1177/10778012211058220>

Goldner, L., & Frid, L. (2022). Fragmentation of the self: Characteristics of sexual assault and implications in self-drawing. *The Arts in Psychotherapy*, 77, 1–9.

<https://doi.org/10.1016/j.aip.2021.101877>

Governo do Distrito Federal. (2023, 17 de julho). *Análise de fenômenos de segurança pública nº. 023/2023 – COOAFESP*. https://www.ssp.df.gov.br/wp-content/uploads/2023/02/Analise-FSP-023_2023-Violencia-Domestica-ou-Familiar-no-DF_-jan_jun-2023-e-ultimos-anos.pdf

Governo do Distrito Federal. (2025, 23 de julho). *Análise de fenômenos de segurança pública nº. 002/2025 – COOAFESP*. https://www.ssp.df.gov.br/wp-content/uploads/2025/02/RAC-002_2025-Violencia-Domestica-ou-Familiar-no-DF_-Ano-2024.pdf

Guimarães, R. C. S., Soares, M. C. S., Santos, R. C., Moura, J. P., Freire, T. V. V., & Dias, M. D. (2018). Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil. *Revista Cuidarte*, 9(1), 1988–1997.

<https://doi.org/10.15649/cuidarte.v9i1.438>

- Hoepers, A. D., & Tomanik, E. A. (2020). (Co)Construindo sentidos: O grupo como dispositivo de enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 31(e214338), 1–16. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31214338>
- Kirk, J. C. (2015). Dramatherapy with women survivors of domestic abuse: A small scale research study. *Dramatherapy*, 37(1), 28–43. <https://doi.org/10.1080/02630672.2015.1101480>
- Lancetti, A. (1993). Clínica grupal com psicóticos: A grupalidade que os especialistas não entendem. In A. Lancetti (Org.), *Saúde loucura nº. 4: Grupos e coletivos* (pp. 155–171). Hucitec.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer.
- Lemos, B. X., & Pereira, A. F. (2020). Tecer e empoderar: As entrelinhas do saber-fazer do crochê de um grupo de mulheres artesãs. *Multitemas*, 25(59), 169–190. <http://dx.doi.org/10.20435/multi.v21i59.2704>
- Levine, P., & Frederick, A. (1999). *O despertar do tigre* (4. ed.). Summus.
- Luzio, C. A., Rozedo, A. S., & Abe, D. S. (2009). O ritmo da loucura: Oficina de expressão rítmica com usuários de saúde mental. *Revista de Psicologia da Unesp*, 8(1), 133–140. <https://revpsico.unesp.org/index.php/revista/article/view/67>
- Mancebo, L. A. (2018). *Oficinas criativas: A arte como ponte entre o ser humano e a vida* [Apresentação]. III Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura, Fundação Antônio Meneghetti e Faculdade Antônio Meneghetti, Restinga Seca. <https://ciodh.emnuvens.com.br/novapedagogia/article/view/273>
- Martins, R. (2021, 27 de agosto). Galpão do Riso tem 72 horas para sair de Centro Comunitário. *Correio Braziliense*. <https://www.correobraziliense.com.br/cidades-df/2021/08/4946319-galpao-do-riso-tem-72-horas-para-sair-de-centro-comunitario.html>

- Meneghel, S. N., & Portella, A. P. (2017). Feminicídios: Conceitos, tipos e cenários. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 3077–3086. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>
- Mondolfi Miguel, M. L., & Pino-Juste, M. (2021). Therapeutic achievements of a program based on drama therapy, the theater of the oppressed, and psychodrama with women victims of intimate partner violence. *Violence Against Women*, 27(9), 1273–1296. <https://doi.org/10.1177/1077801220920381>
- Mónico, L., Alferes, V., Parreira, P., & Castro, P. A. (2017, julho). *A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa* [Apresentação]. 6º Congreso Iberoamericano em Investigación Cualitativa, Salamanca, Espanha, 6. <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>
- Morais, C. A., Borba, A., & Koller, S. H. (2016). O uso do diário de campo no processo de inserção ecológica. In S. H. Koller, N. A. Morais & S. S. Paludo (Orgs.), *Inserção ecológica: Um método de estudo do desenvolvimento humano* (pp. 300–319). Pearson.
- Murray, C. E., Spencer, K. M., Stickl, J., & Crowe, A. (2017). See the triumph healing arts workshops for survivors of intimate partner violence and sexual assault. *Journal of Creativity in Mental Health*, 12(2), 192–202. <http://doi.org/10.1080/15401383.2016.1238791>
- Neves, L., Murta, S. G., & Xavier, A. C. S. (2025). *Intervenções baseadas em arte com mulheres sobreviventes de violência por parceiros íntimos: Uma revisão de escopo* [Manuscrito em preparação, Universidade de Brasília].
- Özkafacı, A. A., & Eren, N. (2020). Effect of art psychotherapy using marbling art on depression, anxiety, and hopelessness in female survivors of domestic violence with

PTSD. *The Arts in Psychotherapy*, 71, 1–11.

<https://doi.org/10.1016/j.aip.2020.101703>

Parada, P. de O. (2017). *O processo de término de namoros violentos e transição para novas relações* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/25269>

Pichon-RivièrE, E. (2009). *O processo grupal* (8. ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)

Pinto, J. F., & Paula, A. P. P. (2018). Contribuições da epistemologia qualitativa de González Rey para estudos transdisciplinares. *Psicología & Sociedad*, 30(e166100), 1–11.

<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166100>

Ron, Y., & Yanai, L. (2021). Empowering through psychodrama: A qualitative study at domestic violence shelters. *Frontiers in Psychology*, 12(0600335), 1–11.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.600335>

Sabina, C., Perez-Figueroa D., Reyes, L., Medina E. C., Pereira Souza, P. E., Markovits L., Jacho, A.C. O., & Bohorquez, G. K. R. (2023). Evaluation of integrative community therapy with domestic violence survivors in Quito, Ecuador. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(8), 1–17.

<https://doi.org/10.3390/ijerph20085492>

Scardoelli, M. G. C., & Waidman, M. A. P. (2011). “Grupo” de artesanato: Espaço favorável à promoção da saúde mental. *Escola Anna Nery*, 15(2), 291–299.

<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2024-E001en>

Silva, A. C. M., Machado, I. C., Soler, I. R., Moraes, R. R., & Nascimento, A. K. C. (2021). Imagens, vínculo e saúde: Experiência com oficinas terapêuticas para idosos. *Revista Ciência em Extensão*, 17, 325–340. <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2021v17p325-340>

Silva, J. O. (2023). O grupo operativo de Pichon-Rivière: Uma análise do processo grupal no filme “Pequena Miss Sunshine”. In P. G. F. Jaisa Klauss (Org.), *Psicologia social e saúde: Teoria e prática* (pp. 179–187). Editora e-Publicar.

<http://doi.org/10.47402/ed.ep.c2023121015662>

Silva, M. A. P., Giaccon-Arruda, B. C. C., Marchetti, P. M., Teston, E. F., Veivenerg, C. G., & Lima, H. de P. (2022). Bordando saúde: Percepção de mulheres em sofrimento psíquico sobre a vivência em uma oficina terapêutica. *Cogitare Enfermagem*, 27(e81933). <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.81933>

Skop, M., Darewych, O. H., Rott, J., & Mason, J. (2022). Exploring intimate partner violence survivors' experiences with group art therapy. *International Journal of Art Therapy*, 27(4), 159–168. <https://doi.org/10.1080/17454832.2022.2124298>

Staziani, L. S., Silva, J. L. P., & Ferreiro, M. M. (2024). Grupo de apoio a mulher vítima de violência: Uma perspectiva psicanalítica. *Fractal, Revista de Psicologia*, 36(e27640). <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2024/v36/27640>

Vela, J. C., Ikonomopoulos, J., Dell'Aquila, J., & Vela, P. (2016). Evaluating the impact of creative journal arts therapy for survivors of intimate partner violence. *Counseling Outcome Research and Evaluation*, 7(2), 86–98.

<https://doi.org/10.1177/2150137816664781>

Wanting, L. (2024). Addressing intimate partner violence: Using vlogging for art therapy. *Academic Journal of Humanities & Social Sciences*, 7(7), 96–102.

<https://doi.org/10.25236/AJHSS.2024.070714>

Willrich, J. Q., Portela, D. L., & Casarin, R. (2018). Atividades de arteterapia na reabilitação de usuários da atenção psicossocial. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*, 7(3), 50–62. <https://doi.org/10.18554/reas.v7i2.3113>

Zielona-Jenek, M., Sakson-Obada, O., & Czapczyńska, A. (2019). Restoring the body: Changes in body self in the course of a focusing and arts-based therapy program for female interpersonal trauma survivors. *Current Issues in Personality Psychology*, 7(4), 324–340. <https://doi.org/10.5114/cipp.2019.92958>

Considerações Finais

A presente dissertação teve como foco dois processos centrais na vida de mulheres que foram vítimas de violência por parceiro íntimo (VPI): 1) o reconhecimento da arte como recurso interventivo eficaz e 2) o processo artístico grupal de mulheres sobreviventes de VPI a partir do uso do crochê. Ambos os processos foram estudados com o objetivo maior de identificar e reconhecer as intervenções artísticas como uma importante ferramenta capaz de gerar bem-estar.

Dentre as justificativas que reforçam a importância da criação de intervenções eficazes para mulheres vítimas de violência praticada por parceiros íntimos, destacam-se ainda os custos sociais e econômicos associados à prestação de cuidados à saúde dessas vítimas (Matos & Machado, 2011). As mulheres expostas a esse tipo de violência relatam altos níveis de demanda por cuidado e apresentam risco elevado de comprometimentos significativos à saúde física e mental (Beer & Kwoun, 2024; Gascón et al., 2024; Goldner & Frid, 2022; Kirk, 2015; Matos & Machado, 2011; Murray et al., 2017; Skop et al., 2022). Há ampla evidência de que essas experiências resultam em dificuldades comportamentais, emocionais e relacionais, além de impactos de caráter destrutivo e debilitante decorrentes dos maus-tratos sofridos (Matos & Machado, 2011; Zielona-Jenek et al., 2019). Esses impactos reforçam a necessidade do aprimoramento de ações voltadas para o tratamento, especialmente considerando o crescimento exponencial dos índices de violência contra a mulher cometida por parceiros (Martins et al., 2020).

A literatura internacional tem apontado a arte como um recurso interventivo eficaz para mulheres sobreviventes desse tipo violência, embora ainda seja um campo em desenvolvimento. Apesar da escassez de estudos, os dados disponíveis indicam caminhos promissores para a ampliação e consolidação dessas práticas. O primeiro estudo analisado nesta dissertação evidenciou uma diversidade de estratégias e abordagens com aplicação das

intervenções artísticas, destacando a qualidade dos resultados obtidos. O uso da arte foi empregado de maneiras distintas, revelando um leque de possibilidades que podem ser exploradas por profissionais da área. A pesquisa evidenciou o potencial da música (Sabina et al., 2023), das artes manuais e visuais (Özkafacı & Eren, 2020; Giesbrecht et al., 2021; Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Zielona-Jenek et al., 2019) e artes expressivas (Vela et al., 2016; Wanting, 2024; Kirk, 2015; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Ron & Yanai, 2021), colocando em destaque o uso do uso da argila, aquarela, pintura, das técnicas de colagem e do carvão. As artes expressivas também ficaram videntes com o uso da dança, fotografia e do teatro.

As abordagens metodológicas quantitativas para a investigação desses recursos também se mostraram diversas, com destaque para a utilização de instrumentos padronizados os quais buscaram avaliar indicadores semelhantes. Dentre eles, a Escala Breve de Resiliência (BRS) foi empregada para mensurar níveis de resiliência (Giesbrecht et al., 2021; Sabina et al., 2023), a Escala de Autoestima de Rosenberg para avaliar a autoestima (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et al., 2023) e a Escala de Depressão de Beck para verificar a redução de sintomas depressivos (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkafacı & Eren, 2020). Já os delineamentos qualitativos colocaram em ênfase técnicas como grupos focais (Cherian & Reshmy, 2023; Giesbrecht et al., 2021; Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Sabina et al., 2023), observação participante (Mondolfi Miguel & Pino-Juste, 2021; Özkafacı & Eren, 2020; Zielona-Jenek et al., 2019) e entrevistas individuais (Cherian & Reshmy, 2023; Sabina et al., 2023). Os resultados indicaram, que independentemente do tipo de método ou técnica de coleta de dados, as intervenções artísticas utilizadas foram positivas e favoráveis para a saúde mental de mulheres traumatizadas em situação de sofrimento por causa de seus términos, revelando impactos significativos, especialmente na redução de sintomas psicológicos e cognitivos, no fortalecimento do apoio social e na promoção da agência pessoal.

A ampliação da conexão interpessoal também se revelou relevante, quando o desenvolvimento de um senso de comunalidade foi estabelecido (Skop et al., 2022), o que contribuiu para o desenvolvimento do senso de pertencimento, engajamento e conexão. Também foram destacados avanços em aspectos comportamentais e emocionais (Skop et al., 2022; Vela et al., 2016; Zielona-Jenek et al., 2019), reforçando o potencial das intervenções artísticas na reabilitação psicossocial das sobreviventes. Outro ponto de destaque foi a capacidade de algumas mulheres de colocar limites no agressor, possibilitando, em alguns casos, o rompimento total da comunicação (Sabina et al., 2023). Tomar a decisão de mudar de atitude colocando limites saudáveis para si e romper com abusador, mostra claramente traços de mudança e empoderamento, pois ela começa a deixar de lado paradigmas ultrapassados (Cortez & Souza, 2008).

No campo da avaliação do processo de implementação, os achados foram praticamente inexistentes (Mondolfi Miguel & Pino-Jueste, 2021), critério desejado foi encontrado a fim de compor nossas buscas, deixando lacunas e abertura para necessidades de futuros estudos. A partir dessas limitações e inquietações, o segundo estudo ganhou forma, abrindo caminhos para adentramos ao campo da realidade processual das sobreviventes. Por fim, almejamos por acompanhamos o processo grupal artístico a partir do uso do crochê para vítimas que passaram por VPI.

Para acessarmos o grupo de crochê priorizou-se pelo contato da pesquisadora com as participantes, a fim de abrir caminhos, estabelecer vínculo de confiança e profundar nas relações. Nesse contexto, optou-se por conceber a oficina a partir da perspectiva de um grupo operativo, com o intuito de fundamentar a proposta de criação de um espaço de acolhimento direcionado a mulheres que vivenciaram VPI e que se encontravam em situação de vulnerabilidade. O uso da observação participante como base metodológica possibilitou uma imersão mais profunda do ambiente investigado, favorecendo trocas significativas e a coleta

de informações relevantes sobre as trajetórias de vida, os processos psicológicos e as dinâmicas de atuação das participantes.

Os dados indicaram transformações significativas na percepção e na dinâmica relacional das participantes, promovendo a abertura para sentimentos de bem-estar, autoconfiança, orgulho pessoal e a possibilidade de se inspirar em novas referências. Essas mudanças proporcionaram a construção de novos sentidos e a elaboração de formas mais saudáveis de se relacionar (Hoepers & Tomanik, 2020). As emoções positivas também foram fortalecidas pela coesão do grupo e pela atuação sensível da facilitadora, que contribuiu para a criação de um ambiente de acolhimento, esperança e suporte emocional. Adicionalmente, a prática do crochê demonstrou potencial de transformação no âmbito comunitário, ao fomentar o senso de pertencimento, promover conexões interpessoais e fortalecer identidades individuais e coletivas. Esses achados reforçam evidências já existentes na literatura de que as práticas artísticas coletivas constituem ferramentas potentes de intervenção, especialmente no contexto grupal (Skop et al., 2022).

À luz desses resultados, destacamos a importância de compreender os grupos que envolvem atividades manuais para além de sua dimensão técnica ou da simples reintegração social, uma vez que efeitos subjetivos foram proporcionados, assim como os desdobramentos simbólicos e afetivos. Outro aspecto relevante se refere às transformações no contexto das participantes, que favoreceram a ampliação de modelos de referência, bem como o acesso a novas ideias e informações relacionadas à violência vivenciada. Os dados obtidos indicam que o uso das artes se configura como uma ferramenta potente na promoção da saúde mental. Nossos resultados corroboram evidências que apontam que intervenções artísticas têm o potencial de fomentar conscientização, ampliar o conhecimento e influenciar atitudes e comportamentos, especialmente em populações em situação de vulnerabilidade (Davies &

Pescud, 2020). Assim, os achados revelaram que grupo ampliou o acesso dos participantes à informação, orientação e validação.

Assim, esta dissertação ajudou para contribuir nas bases de evidências que apoiam o uso das intervenções artísticas, em especial o crochê, para pessoas que sofreram violência por seus parceiros íntimos. Além disso, o estudo demonstrou ser uma exploração inicial acerca da avaliação de processos grupais aliado a intervenções baseadas na arte do crochê com mulheres que foram vítimas de VPI. Ademais, analisamos lacunas na aplicação dos pressupostos do Grupo Operativo no amparo as pessoas fissuradas psiquicamente pelo fim de um relacionamento violento.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o número reduzido de participantes, o que restringe a possibilidade de generalização dos achados. Ainda assim, a pesquisa empírica priorizou uma compreensão aprofundada das experiências subjetivas vividas pelas participantes. Para avanços futuros, recomenda-se a realização de estudos com amostras mais amplas e representativas, a fim de explorar a validade externa das análises e ampliar o alcance dos resultados obtidos. Estudos longitudinais que possam visualizar os impactos da arte a longo prazo também se demonstra relevante, incluindo investigar em que medida intervenções grupais baseadas em arte minimizam riscos de entrada em novos relacionamentos abusivos.

Além de estudos futuros que possam verificar se a ampliação da consciência das vítimas a cerca da violência sofridas são suficientes para impedir que elas entre em novos relacionamentos destrutivos. Sugerimos, ainda, novas pesquisas sobre a temática em outros centros assistenciais de saúde que direcionam olhares para essas vítimas, tais como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e as casas abrigos para acolhimento.

Em síntese, a violência de gênero constitui um fenômeno enraizado na estrutura social e sustentado pelos processos de socialização (Hernández, 2024). Trata-se de uma manifestação direta das desigualdades historicamente construídas entre homens e mulheres, cuja superação demanda transformações profundas nas relações de poder e na organização das dinâmicas entre os gêneros. A promoção da igualdade, nesse contexto, implica não apenas na desconstrução de hierarquias, mas também na ampliação do acesso das mulheres a espaços de decisão e poder, por meio de trajetórias mais equitativas e inclusivas.

Referências

- Beer, L. E., & Kwoun, S. (2024). Trauma-informed music therapy with adult survivors of intimate partner violence and sexual assault: A scoping review. *The Arts in Psychotherapy*, 87 (102120), 1–8. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2024.102120>
- Cherian, M. R., & Reshma N. Y. A. (2023). Body, visual arts and healing: A study of the effectiveness of facilitative visual arts interventions with women survivors of intimate partner violence in Kerala. *Critical and Radical Social Work*, 12(3), 1–16. <https://doi.org/10.1332/204986021X16844918105641>
- Cortez, M. B., & Souza, L. (2008). Mulheres (in)Subordinadas: O empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (2), 171–180. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200006>
- Davies, C., & Pescud, M. (2020). *The arts and creative industries in health promotion: An evidence check rapid review brokered by the Sax Institute for The Victorian Health Promotion Foundation*. The Victorian Health Promotion Foundation.

- Gascón, M. R. P., Mendes, L. V., & Bittencourt, S. (2024). Violência doméstica: Por que a vítima permanece com o agressor? *Revista da Faculdade Paulo Picanço*, 4(3), 1–39.
<https://doi.org/10.59483/rfpp.v4n3116>
- Giesbrecht, C. J., Jamshidi, L., LaVallie, C., Sasakamoose, J., & Carleton, R. N. (2022). Assessing the efficacy of a cultural and artistic intervention for indigenous women who have experienced intimate partner violence. *Violence Against Women (VAW)*, 28(14) 3375–3399. <https://doi.org/10.1177/10778012211058220>
- Goldner, L., & Frid, L. (2022). Fragmentation of the self: Characteristics of sexual assault and implications in self-drawing. *The Arts in Psychotherapy*, (77), 1–9.
<https://doi.org/10.1016/j.aip.2021.101877>
- Hernández, M. E. C. (2024). Jóvenes y feminicidio: Atracción, amor y violencia. In A. Beiras, A. I. Giacomozzi, V. B. Santos, C. M. Cavaler & M. Leandro (Orgs.), *Estudos interdisciplinares sobre o feminicídio. Contribuições acadêmicas, processo de intervenção e prevenção* (pp. 145–158). Abrapso Editora.
- Hoepers, A. D., & Tomanik, E. A. (2020). (Co)Construindo sentidos: O grupo como dispositivo de enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 31(e214338), 1–16. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31214338>
- Kirk, J. C. (2015). Dramatherapy with women survivors of domestic abuse: A small scale research study. *Dramatherapy*, 37(1), 28–43.
<https://doi.org/10.1080/02630672.2015.1101480>
- Martins, T. C. R., Brito, M. F. S. F., Pinho, L., Souza, K. V., & Leite, M. T. S. (2020). Educação popular em saúde no combate à violência de gênero: A visão de mulheres. In A. C. Paro, M. A. M. Lemeões & R. Pekelman (Orgs.), *Educação popular e a (re)construção de práticas cuidadoras* (pp. 221–250). CCTA.
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/53079>

Matos, M., & Machado, A. (2011). *Violência doméstica: Intervenção em grupo com mulheres vítimas - manual para profissionais.* <https://www.cig.gov.pt/siic/wp-content/uploads/2015/01/Viol%C3%A3ncia-dom%C3%A9stica-Interven%C3%A7%C3%A3o-em-grupo-com-mulheres-v%C3%ADtimas.pdf>

Mondolfi Miguel, M. L., & Pino-Juste, M. (2021). Therapeutic achievements of a program based on drama therapy, the theater of the oppressed, and psychodrama with women victims of intimate partner violence. *Violence Against Women*, 27(9), 1273–1296.
<https://doi.org/10.1177/1077801220920381>

Murray, C. E., Spencer, K. M., Stickl, J., & Crowe, A. (2017). See the triumph healing arts workshops for survivors of intimate partner violence and sexual assault. *Journal of Creativity in Mental Health*, 12(2), 192–202.

<https://doi.org/10.1080/15401383.2016.1238791>

Özkafacı, A. A., & Eren, N. (2020). Effect of art psychotherapy using marbling art on depression, anxiety, and hopelessness in female survivors of domestic violence with PTSD. *The Arts in Psychotherapy*, 71,101703, 1–11.

<https://doi.org/doi.org/10.1016/j.aip.2020.101703>

Ron, Y., & Yanai, L. (2021). Empowering through psychodrama: A qualitative study at domestic violence shelters. *Frontiers in Psychology*,12(0600335), 1–11.

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.600335>

Sabina, C., Perez-Figueroa D., Reyes, L., Medina E. C., Pereira Souza, P. E., Markovits L., Jacho, A. C. O., & Bohorquez, G. K. R. (2023). Evaluation of integrative community therapy with domestic violence survivors in Quito, Ecuador. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(8), 1–17.

<https://doi.org/10.3390/ijerph20085492>

- Skop, M., Darewych, O. H., Rott, J., & Mason, J. (2022). Exploring intimate partner violence survivors' experiences with group art therapy. *International Journal of Art Therapy*, 27(4), 159–168. <https://doi.org/10.1080/17454832.2022.2124298>
- Vela, J. C., Ikonomopoulos, J., Dell'Aquila, J., & Vela, P. (2016). Evaluating the impact of creative journal arts therapy for survivors of intimate partner violence. *Counseling Outcome Research and Evaluation*, 7(2), 86–98.
<https://doi.org/10.1177/2150137816664781>
- Wanting, L. (2024). Addressing intimate partner violence: Using vlogging for art therapy. *Academic Journal of Humanities & Social Sciences*, 7(7), 96–102.
<https://doi.org/10.25236/AJHSS.2024.070714>
- Zielona-Jenek, M., Sakson-Obada, O., & Czapczyńska, A. (2019). Restoring the body: Changes in body self in the course of a focusing and arts-based therapy program for female interpersonal trauma survivors. *Current Issues in Personality Psychology*, 7(4), 324–340. <https://doi.org/10.5114/cipp.2019.92958>

Apêndices

Apêndice A - Questionário Sociodemográfico

Ao longo desse questionário você encontrará várias questões relativas as características pessoais e sociodemográficas.

Por favor, responda com sinceridade a todas as respostas que se seguem fazendo um (X) na opção que melhor traduza a sua realidade.

Não existem respostas certas bem erradas, por isso responda como acredita e sente. Assim, todos os dados e respostas que fornecer serão anónimas e confidenciais.

Obrigada pela sua colaboração!!!

1. Características pessoais e sociodemográficas

Nome Completo:

Idade: _____

1.1. Gênero

- () Feminino
- () Masculino
- () Outro _____

1.2. Orientação Sexual

- () Heterossexual
- () Bisexual
- () Homossexual
- () Outro _____

1.3. Estado Civil

- () Solteira
- () Namorando
- () União Estável
- () Divorciada
- () Casada
- () Viúva

1.4. Religião

- () Católica
- () Evangélica
- () Espírita
- () Umbanda
- () Outra

1.5. Escolaridade

- () Não Estudou
- () Ensino Fundamental Incompleto
- () Ensino Fundamental Completo
- () Ensino Médio Incompleto
- () Ensino Médio Completo
- () Ensino Superior
- () Outro

1.6. Filhos

- () Apenas um filho
- () Dois filhos
- () Três Filhos
- () Quatro Filhos ou mais. Quantos? _____

Apêndice B - Entrevista Semiestruturada

- 1) De que maneira você conheceu o grupo de crochê?
- 2) O que fez você procurar esse grupo?
- 3) Como você se sente no grupo de crochê?
- 4) Como você se sente ao fazer crochê durante o grupo?
- 5) Você notou alguma contribuição deste grupo para a sua vida?
- 6) Você aprendeu alguma coisa com as parceiras do grupo? O que?
- 7) Sobre os aprendizados, você aplica em alguma outra área da sua vida?
- 8) Você indicaria este grupo para alguém? Por quê? (seja sim ou não)
- 9) Há algo sobre o grupo de crochê que você gostaria que fosse diferente?

Anexos

Anexo A - Parecer Consustanciado do Comitê de Ética

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tecendo a Vida: Percepção e Experiência de Mulheres de um Grupo de Crochê que Vivenciaram Violência por Parceiros Íntimos

Pesquisador: Letícia Neves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77961624.6.0000.5540

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.725.427

Apresentação do Projeto:

Desenho do Projeto de Mestrado Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – UNB. Pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, que busca uma maior familiaridade com a temática da violência nos relacionamentos íntimos, grupo de apoio e arte enquanto intervenção, utilizando como referencial o conceito de fatores terapêutico de grupo, desenvolvido por Yalom e Leszcz (2006), que aborda os recursos que poderão ser utilizados para avaliar uma intervenção grupal.

A pesquisa será realizada no Galpão do Riso, em Samambaia – DF com aproximadamente 50 mulheres.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Descrever a percepção de mulheres que sofreram violência pelo parceiro íntimo acerca do processo de um grupo artístico de crochê

Objetivo Secundário:

- Descrever as aprendizagens vividas no decorrer das interações entre as participantes do

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de

Bairro: ASA NORTE

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3107-1592

E-mail: cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 6.725.427

grupo;

- Compreender a experiência das participantes com o uso do crochê enquanto atividade artística;
- Investigar a percepção de satisfação das participantes para com o grupo de crochê;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Texto apresentado pela pesquisadora

Riscos:

De acordo com a Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, de 20 de dezembro de 2000, que regulamenta a Pesquisa em Psicologia com Seres Humanos, é obrigação do responsável pela pesquisa avaliar os riscos envolvidos, tanto pelos procedimentos, como pela divulgação dos resultados, com o objetivo de proteger os participantes e os grupos ou comunidades às quais eles pertencem (Conselho Federal de Psicologia, 2000, p. 2). É de plena consciência que o procedimento utilizado é entrevista semiestruturada e poderá trazer à tona desconfortos emocionais. A pesquisadora, que também é psicóloga clínica, irá dar continência e apoio ao momento de crise, se houver, como é comum quando se toca em temas delicados e que possam ter causado ou ainda causar alguma dor ou sofrimento emocional, caso haja necessidade. Para os casos necessários, a participante será encaminhada para o CAPS (Centro de Assistência Psicossocial) mais próximo de sua residência, para posterior atendimento. Cabe enfatizar que esta é uma pesquisa de risco mínimo, uma vez que os procedimentos não sujeitam as participantes a riscos maiores do que os encontrados nas suas atividades cotidianas (CFP, 2000).

Benefícios:

Entende-se que o trabalho realizado dentro do grupo de mulheres vulneráveis socialmente pode trazer muitos benefícios. As atividades desenvolvidas buscam empoderar, ensinar e desenvolver habilidades que podem antes não terem sido desenvolvidas, como é o caso da técnica das artes com as mãos, o empreendedorismo e o apoio entre pares. Os encontros semanais proporcionam o desenvolvimento de atividades em grupo, tendo em vista que o trabalho em grupo visa troca e compartilhamentos, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade de diálogo e escuta. Vale destacar que os participantes da pesquisa são mulheres com histórico de violências em seus relacionamentos. Diversos estudos acerca do tema da violência doméstica

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de	
Bairro: ASA NORTE	CEP: 70.910-900
UF: DF	Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592	E-mail: cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 6.725.427

enfatizam os impactos e danos que uma pessoa pode passar quando sua vida é marcada por histórico de agressões (Brasil, 2006; Binkley; 2013; Murray et al. 2017; Vieira et al., 2020; Skop, 2022). Os mesmos autores ainda enfatizam a dificuldade da vítima de sair de relações violentas por causa do nível de dependência social, moral, financeira e emocional com agressor (Brasil, 2006; Binkley; 2013; Murray et al. 2017; Vieira et al., 2020; Skop, 2022). Por isso, não só a construção desta pesquisa, como também os resultados que dela surgirão, poderá trazer ganhos no que diz respeito ao aspecto político e social, uma vez que conhecer o perfil das mulheres vítimas de violência doméstica, em uma das regiões com maiores índices de violência no estado do Distrito Federal, poderá abrir portas para novas pesquisas na área, bem como fortalecer recursos humanos para trabalhos de promoção, prevenção e apoio às vítimas, como é o caso do grupo em estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora apresentou de forma clara o desenho da pesquisa e atenta aos preceitos éticos necessários

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE adequado;
- Aceite Institucional;
- Roteiro de entrevista adequado;
- Cronograma adequado;

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto não apresenta Pendências ou Inadequações, consideramos Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2287158.pdf	04/03/2024 11:32:13		Aceito
Outros	Curriculos_Lattes_Orientadora.pdf	04/03/2024 11:30:39	Letícia Neves	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJECTO_2287158.pdf	26/02/2024 11:13:14		Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de	
Bairro: ASA NORTE	CEP: 70.910-900
UF: DF	Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592	E-mail: cep_chs@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB**



Continuação do Parecer: 6.725.427

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_leticia_neves_con cluido.docx	26/02/2024 11:12:41	Letícia Neves	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	26/02/2024 11:11:07	Letícia Neves	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2287158.pdf	22/02/2024 18:13:13		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Leticia.pdf	22/02/2024 18:11:03	Letícia Neves	Aceito
Outros	Cronograma.docx	22/02/2024 18:07:48	Letícia Neves	Aceito
Outros	Cronograma.docx	22/02/2024 18:07:48	Letícia Neves	Recusad o
Outros	Carta_de_Revisao_Etica.docx	22/02/2024 18:06:13	Letícia Neves	Aceito
Outros	Instrumento_de_Coleta_de_dados_Letic ia_Neves.docx	22/02/2024 17:54:49	Letícia Neves	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_leticia_neves.docx	18/02/2024 22:28:42	Letícia Neves	Aceito
Outros	modelo_termo_de_autorizacao_para_util izacao_de_imagem_e_som_de_voz.doc	18/02/2024 22:25:25	Letícia Neves	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	18/02/2024 22:20:19	Letícia Neves	Aceito
Outros	carta_de_encaminhamento.doc	18/02/2024 22:15:20	Letícia Neves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.doc	18/02/2024 22:11:25	Letícia Neves	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ACEITE_INSTITUCIONAL.pdf	18/02/2024 22:09:15	Letícia Neves	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de	
Bairro: ASA NORTE	CEP: 70.910-900
UF: DF	Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592	E-mail: cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 6.725.427

BRASILIA, 26 de Março de 2024

Assinado por:
ANDRE VON BORRIES LOPES
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Anexo B - Autorização Institucional



Espaço Galpão do Riso

CNPJ: 07.480.906 / 0001-08 - E-mail: galpaodoriso@gmail.com

Brasília, 16 de agosto de 2023.

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

O Grupo Olimpo Investigações de Técnicas Teatrais, responsável pelo projeto “Primaverando Margaridas: Arte-Empoderamento e Empreendimento Feminino” autoriza o acesso da pesquisadora Letícia Neves para a realização de observações participativas e entrevistas individuais com as participantes do projeto, como parte do projeto de pesquisa *Tecendo a vida: percepção e experiência de mulheres de um grupo de crochê que vivenciaram violência por parceiros íntimos*. Este projeto está sob a coordenação da Profa. Dra Sheila Giardini Murta e é vinculado ao Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília.

Maria Aparecida Porto Dias

Maria Aparecida Porto Dias
Presidente
CNPJ: 07.480.906/0001-08

Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “*Tecendo a vida: Percepção e experiência de mulheres de um grupo de crochê que vivenciaram violência por parceiros íntimos*”, de responsabilidade de Letícia Neves, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é descrever a percepção de mulheres que sofreram violência pelo parceiro íntimo acerca do processo e vivência de um grupo artístico, a fim de desvelar e aprofundar acerca da relação delas com o grupo, com as técnicas do crochê e com história de vida pessoal de cada uma. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de duas etapas:

1- Observações participantes que acontecerão durante o período das aulas do crochê. Aqui a pesquisadora usará um caderno de anotações e tomará nota de tudo que será observado e conversado durante o grupo de aprendizagem.

2- Entrevista que será feita com cada mulher. Nessa esta etapa você precisará responder 9 perguntas para que possamos compreender a forma como você está vivenciando esse momento. A entrevista, será gravada em áudio, sem identificação pessoal que após a transcrição será destruído.

É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa pode implicar em riscos tais como: desconforto como vontade de chorar e lembranças de acontecimentos desagradáveis. Estes riscos serão minimizados com as seguintes estratégias: apoio psicológico realizado pela psicóloga clínica/pesquisadora junto a entrevistada no momento da entrevista. Se você precisar de algum tratamento e encaminhamento, por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou se a pesquisadora

descobrir que você tem alguma coisa que precise de tratamento, você será encaminhado(a) por Letícia Neves a rede de assistência à saúde mental do Estado, os Centros de Apoio Psicossocial (CAPS).

Espera-se com esta identificar necessidades e planejar, futuramente, programas de prevenção à violência nos relacionamentos íntimos que sejam ajustados à realidade de mulheres nos diversos territórios brasileiros.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (41) 98405-4702 ou pelo e-mail leticia_n@hotmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de um encontro de encerramento com todos envolvidos no grupo de crochê “*PriMaverando Margaridas: Arte-empoderamento e empreendimento feminino*”, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107-1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____.

Anexo D - Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de Pesquisa

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de entrevistado no projeto de pesquisa intitulado “*Tecendo a vida: Percepção e experiência de mulheres de um grupo de crochê que vivenciaram violência por parceiros íntimos*”, sob responsabilidade da mestrandra Letícia Neves e da Profa. Dra. Sheila Giardini Murta, vinculadas à Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para análise nesta pesquisa.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade das pesquisadoras responsáveis.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

() Sim, autorizo a utilização de minha imagem e som de voz para análise nesta pesquisa.

() Não, não autorizo a utilização de minha imagem e som de voz para análise nesta pesquisa.

Assinatura do participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____.